

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
ARTES CÊNICAS DIREÇÃO TEATRAL**

Sidnei Mauro de Melo Junior

**O BAILE CÚIER**  
A CULTURA *BALLROOM* E OS CORPOS DISSIDENTES DOS  
PADRÕES CIS HETERONORMATIVOS NA CRIAÇÃO DE UMA  
ENCENAÇÃO

Santa Maria, RS  
2023

Sidnei Mauro de Melo Junior

**O BAILE CÚIER**  
A CULTURA *BALLROOM* E OS CORPOS DISSIDENTES DOS PADRÕES CIS  
HETERONORMATIVOS NA CRIAÇÃO DE UMA ENCENAÇÃO

Relatório Reflexivo é o componente teórico vinculado à prática artística de uma encenação e, juntos, compõem o Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Artes Cênicas Direção Teatral, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Direção Teatral.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariane Magno Ribas

Santa Maria, RS  
2023

Sidnei Mauro de Melo Junior

**O BAILE CÚIER**  
A CULTURA *BALLROOM* E CORPOS DISSIDENTES DOS PADRÕES CIS  
HETERONORMATIVOS NA CRIAÇÃO DE UMA ENCENAÇÃO

Relatório Reflexivo é o componente teórico vinculado à prática artística de uma encenação e, juntos, compõem o Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Artes Cênicas Direção Teatral, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Direção Teatral.

Aprovado em 04 de dezembro de 2023

**Profª Drª Mariane Magno Ribas (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

**Profª Drª Marcia Berselli (UFSM)**  
(Avaliadora)

**Prof. Dr. Daniel Santos Costa (UFSM)**  
(Avaliador)

Santa Maria, RS  
2023

Dedico este trabalho aos **CORPOS NEGROS E LATINOS CÚIERS** que fundaram a cultura *Ballroom* e me inspiram como um jovem adulto, artista cúier

## AGRADECIMENTOS

O BAILE CÚIER é sobre gratidão, principalmente aos **CORPOS CÚIERS NEGROS E LATINOS**, que criaram os *Balls* como forma de celebração e resistência as imposições cis heteronormativas! Dedico esse TCC a eles! Agradeço também:

- Meu **BRILHANTE** elenco, formado por Fábio Puntel, Gabriel Assunção, Samuel Souza, Vanessa Peixoto, Victória Leal e Vinicius Souza.
- A paciência e tranquilidade transmitida pela minha **GLAMOUROSA** orientadora Mariane Magno Ribas e pelas minhas bancas consultiva e avaliativa formadas pelos **FABULOSOS** Fabiana Fontana, Jesse Cruz, Marcia Berselli e Daniel Costa.
- Ao *Teatro Caixa Preta*, dirigido pela professora **ARRASADORA** Raquel Guerra e seus bolsistas Eduardo Souza, Bruno Favero, Bianca Rodrigues e Guilherme Scheffel.
- A minha **ESTUPENDA** produção formada pela Andriele Razeira, Poly, João Pedro Vedoya, Douglas Lemes, Bruna Muller e Paulo Barauna.
- Ao **INCRÍVEL** coreógrafo Felipe Soares.
- O apoio de diferentes formas vindo dos **ICÔNICOS** Diordinis Baierle, Gabriel Assunção, Sara Lourenço, Nathália Souza e Pedro Diana.

Nós nos vestimos de um certo jeito  
Nós andamos de um certo jeito  
Nós falamos de um certo jeito  
Nós criamos de um certo jeito  
Nós pintamos de um certo jeito  
Nós fazemos amor de um certo  
jeito

Você sabe, todas essas coisas que  
fazemos de um jeito diferente  
Único, que é totalmente nosso

**Dra. Barbara Ann Teer**

(trecho extraído da música *Alien  
Superstar* de **Beyoncé**)

## RESUMO

### **O BAILE CÚIER: A CULTURA *BALLROOM* E OS CORPOS DISSIDENTES DOS PADRÕES CIS HETERONORMATIVOS NA CRIAÇÃO DE UMA ENCENAÇÃO**

AUTOR: Sidnei Mauro de Melo Junior

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariane Magno Ribas

Este Relatório Reflexivo apresenta o processo de criação da encenação O BAILE CÚIER, ambos compõem o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado *O BAILE CÚIER: A CULTURA BALLROOM E OS CORPOS DISSIDENTES DOS PADRÕES CIS HETERONORMATIVOS NA CRIAÇÃO DE UMA ENCENAÇÃO*, do Curso de Artes Cênicas Direção Teatral da Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa teórico, prática e criativa teve como objeto de investigação o processo de criação de uma encenação partindo da cultura *Ballroom* e dos corpos dissidentes dos padrões cis heteronormativos. O texto articula de modo entrelaçado as descrições do processo de criação, referências utilizadas e reflexões.

**Palavras-Chave:** Teatro Cúier; Cultura Ballroom; Padrões Cis heteronormativos; Processo de criação; Dramaturgia.

## ABSTRACT

### **O BAILE CÚIER: BALLROOM CULTURE AND BODIES DISSIDENT FROM CIS HETERONORMATIVE STANDARDS IN THE CREATION OF AN ENCANTATION**

AUTHOR: Sidnei Mauro de Melo Júnior  
ADVISOR: Prof. Dr. Mariane Magno Ribas

This Reflective Report presents the process of creating the production O BAILE CÚIER, both composed of the Final Paper entitled O BAILE CÚIER: BALLROOM CULTURE AND BODIES DISSIDENT FROM CIS HETERONORMATIVE STANDARDS IN THE CREATION OF AN ENCANTATION of the Course of Performing Arts, Theater Direction at the Universidade Federal de Santa Maria. The theoretical, practical and creative research had as its object of investigation the process of creating a performance based on Ballroom culture and dissident bodies of cis heteronormative standards. The text is intertwined with the politics of the creation process, references used and reflections.

**Keywords:** Queer Theatre; Ballroom culture; Cis heteronormative standards; Creation process; Dramaturgy.



## SUMÁRIO

<b>1. QUAL É O BABADO?</b>	<b>10</b>
<b>2. EU MESMO, SIDNEI JUNIOR!</b>	<b>12</b>
<b>3. OLHEI E GRITEI: ARTISTA!</b>	<b>14</b>
<b>4. PESQUISAR... É FUNDAMENTAL!</b>	<b>16</b>
4.1 A IMPOSIÇÃO DOS PADRÕES CIS HETERONORMATIVOS E OS CORPOS DISSIDENTES	17
4.2 A CULTURA BALLROOM	20
<b>5. O BAILE CÚIER</b>	<b>25</b>
5.1 COM VOCÊS, OS NOSSOS CORPOS!	25
5.2 CONCEITO E ACLAMAÇÃO: CONCEPÇÕES VISUAIS E SONORAS	29
5.2.1 GUCCI, PRADA, VERSACE, PANTERA, MONTILLA, VÊKANANDRE E CALDEIRÃO: Concepção de Figurino	30
5.2.2 BEM VINDES AO PALCO PRINCIPAL: Concepção Espacial e Cenografia	32
5.2.3 ELAS NÃO CHEGAM NEM PERTO DO NOSSO BRILHO: Concepção de Iluminação	33
5.2.4 MAESTRO, TOCA UMA PRAS GAYS, PRAS BIS, PRAS SAPATÃO, PRAS TRAVESTIS, PRAS CÚIERS: Concepção Sonora	34
5.3 O NOVÍSSIMO TESTAMENTO: A DRAMATURGIA	35
5.4 CADA CENA UM CLOSE BAPHONICO, FARAÔNICO, MESOPOTÂMICO, LACRÔNICO, DIVÔNICO, DIASPÓRICO, TUPI- GUARANÍTICO, SAMBÁSTICO E AVASSALADOR	38
5.4.1 Cena 1. INTRO	38
5.4.2 Cena 2. A CATEGORIA É: CINCO ELEMENTOS	39
5.4.3 Cena 3. A CATEGORIA É: PASSARELA	41
5.4.4 Cena 4. A CATEGORIA É: BATEKABELLO, BATEKOO e BATEBOKA	45
5.4.5 Cena 5. A CATEGORIA É: FACE	48
5.4.6 Cena 6. A CATEGORIA É: LIPSYNC	51
5.4.7 Cena 7. A CATEGORIA É... REALIDADE	54
5.4.8 Cena 8. RESULTADO	61
<b>6. O FECHO CÚIER</b>	<b>65</b>
<b>OS REFERENCIAIS ESTÃO OFICIALMENTE ABERTOS</b>	<b>68</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>72</b>
ANEXO A- DRAMATURGIA	72
ANEXO B- CARTAZES	88
ANEXO C- FOTOS EXTRAS	90

## 1. QUAL É O BABADO?

Este Relatório Reflexivo é fruto do processo criativo da encenação O BAILE CÚIER no âmbito das disciplinas de *Ateliê de Montagem em Direção Teatral I e II*, *Laboratório de Metodologias de Criação em Direção Teatral I e II* e faz parte do *Trabalho de Conclusão do Curso* para obtenção do título de bacharel em Artes Cênicas Direção Teatral oferecido pelo *Curso de Artes Cênicas Direção Teatral* da *Universidade Federal de Santa Maria*.

Nesse espaço mobilizei minhas pesquisas estéticas, éticas, técnicas, poéticas e teóricas visando a autonomia no processo de criação de uma encenação que foi desenvolvida no período equivalente a dois semestres acadêmicos. No sétimo semestre iniciei o processo de criação e formatei o projeto de TCC que foi apresentado a uma banca consultiva. Nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 2023 foi apresentado publicamente a encenação, que é componente artístico do TCC. Enquanto a defesa deste relatório reflexivo, foi feita à uma banca avaliadora, no dia 04 de dezembro do mesmo ano.

O projeto iniciou com a participação dos atores Vinicius Rodrigues de Souza e Thayuã Rodrigues, acadêmicos dos cursos *Artes Cênicas Interpretação Teatral* e *Teatro Licenciatura*, respectivamente. No entanto, em abril ambos precisaram deixar o projeto por questões pessoais. Nesta mesma semana, integraram-se ao projeto os atores William Rafael Rodrigues, Samuel Rocha de Souza, Lívia de Arruda Marafiga, Nathália Aires Teixeira, Giovanna Meneghetti Castellanelli e Filipe Morales dos Santos que são acadêmicos do *Curso de Teatro Licenciatura* e Felipe Soares Pereira dos Santos que é acadêmico do *Curso de Dança Bacharelado* da *Universidade Federal de Santa Maria*.

Após quinze dias o elenco se estabilizou desse modo: Samuel Rocha de Souza e Gabriel Assunção Gonçalves como atores e dramaturgos ao meu lado, e Felipe Soares Pereira dos Santos como professor de dança vovuing e coreógrafo. Em junho integra-se ao elenco o acadêmico do *Curso de Artes Cênicas Interpretação Teatral*, Fábio Augusto Puntel, como assistente de direção a acadêmica do *Curso de Artes Cênicas Interpretação Teatral*, Bianca Silva de Souza e como sonoplasta o acadêmico do *Curso de Teatro Licenciatura*, João Pedro Vedoya Franca. Essa formação se consolida até a apresentação à banca consultiva ao final do mês de julho.

Em agosto, Bianca Silva de Souza deixa a assistência de direção, deixando a função vaga e se somam ao elenco Vanessa Oliveira Santos Peixoto, Victória Leal acadêmicas do *Curso de Teatro Licenciatura* e Vinicius Rodrigues de Souza que retorna. O elenco se estabelece então, por seis pessoas cúiers até os dias de apresentação pública, que ocorreram às 20h dos dias 27, 28 e 29 de setembro de 2023.

Além dos já citados, acrescenta-se a produção do espetáculo, Douglas Lemes, acadêmico do *Curso de Teatro Licenciatura*, que começa a integrar a equipe técnica junto de João Pedro. Os últimos a se somarem ao grupo foram os iluminadores Bruno Eduardo Favero e Luis Eduardo de Souza Barbosa, Polyana Cristina Fernandes Cardoso na maquiagem, sendo esses, acadêmicos do *Curso Artes Cênicas Bacharelado* e Andrielle Razeira responsável pelo cabelo, acadêmica do *Curso de Teatro Licenciatura*.

A pesquisa referente a esse TCC teve como objeto de investigação a criação de uma encenação partindo da cultura *Ballroom* (SANTOS, 2018) e dos corpos dissidentes dos padrões cis heteronormativos. Para isso formulei a seguinte questão: Como dirigir uma encenação que utiliza criativamente a estrutura e estética da cultura *Ballroom*, os corpos dissidentes dos padrões cis heteronormativos?

Esse Relatório Reflexivo irá apresentar, articulando de modo entrelaçado as descrições do processo de criação, referências utilizadas e reflexões acerca da encenação O BAILE CÚIER. Em acordo com a organização deste documento, começarei, a partir do próximo capítulo, me apresentando pelo modo como me reconheço e me relaciono com os temas deste trabalho. Indo adiante, irei expor resumidamente, minha trajetória e reconhecimento enquanto artista cúier na *Universidade Federal de Santa Maria*.

No capítulo 4. *PESQUISAR... É FUNDAMENTAL*, irei mobilizar minhas referências para contextualizar os dois objetos de investigação, que serviram de base, para o processo de criação da encenação O BAILE CÚIER, sendo eles, os corpos dissidentes dos padrões cis heteronormativos e a cultura *Ballroom*, respectivamente. Além disso, neste mesmo capítulo, começarei a relacionar tais referências ao processo de criação, como forma de introduzir o capítulo seguinte intitulado O BAILE CÚIER.

Nesta parte, o processo criativo da encenação será o foco. Sendo assim, irei expor, através de subcapítulos, o modo como foram concebidas as

figuras-personagens, os elementos visuais e sonoros, a dramaturgia e as cenas. Em relação a elas, serão apresentados os relatos reflexivos sobre como ocorreu a criação de cada uma das cenas, buscando analisá-las junto dos seus elementos estéticos, técnicos, poéticos e sociais.

O último capítulo é dedicado às minhas considerações finais e reverberações futuras acerca deste *Trabalho de Conclusão de Curso*. Adianto que entre essas reverberações, espero contribuir com o fazer teatral de artistas LGBTQIAP+, por isso trago em anexo, a dramaturgia da encenação O BAILE CÚIER.

É necessário dizer que, compreendo a importância das imagens do processo de criação de O BAILE CÚIER neste relatório como parte do relato, portanto, elas não serão referenciadas como figuras ou ilustrações. Sendo assim, credito as fotos relacionadas aos ensaios, apresentações, produções de material audiovisual e de divulgação da encenação aos fotógrafos Paulo Baraúna e Bruna Muller.

## 2. EU MESMO, SIDNEI JUNIOR!

Acredito ser necessário me apresentar de maneira a qual me reconheço. Meu nome é Sidnei Mauro de Melo Junior, podem me chamar de Sidnei, de Junior, de Sid ou Sidnei Junior, o **GLAMOUROSO** encenador de O BAILE CÚIER. Nasci em 05 de maio de 1999 no interior do estado de São Paulo. Como é notável, tenho 24 anos (e não 23+1). Me reconheço como um jovem adulto latinoamericano cúier. Sendo gay desde que me conheço por gente, já percebia e era percebido (mesmo minha família negando) que não me encaixava aos padrões preestabelecidos e impostos de masculinidade. E como a maioria das pessoas cúiers, cresci sendo distanciado, de quaisquer formas de expressão que desviasse dos padrões cis heteronormativos.



Mesmo aprendendo a coreografia inteira de *Bad Romance*<sup>1</sup> para apresentar para minhas irmãs mais velhas, quando tinha 10 anos, foi somente no meu ingresso em uma universidade pública que comecei a me dar conta das formas de expressão que me foram privadas até então. Pois foi só a partir das convivências nesse ambiente, que fiquei diante de uma pluralidade gigantesca de pessoas que traziam consigo suas formas particulares de expressão e existência. E isso fez com que eu descobrisse e valorizasse contundentemente os aspectos dissidentes dos padrões de masculinidade que foram e ainda são impostos sobre meu corpo. Ao reconhecer isso, busquei construir e reconstruir minhas próprias expressividades através de novas referências LGBTQIAP+, ou seja, me construo neste universo do qual sou parte e que me foi privado até meu ingresso na UFSM.

Minha busca por novas referências pessoais e artísticas tiveram suporte significativo das crescentes discussões e também com o aumento de produção



Figura 01: Dzi Croquettes. O Globo

bibliográfica sobre gênero e de sexualidade, que ganharam força a partir da segunda metade da década de 2010 (AMANAJÁS, 2015, p. 1-2). Destaco, além dos componentes

teóricos que tive acesso sobre o tema, outras referências de igual relevância, os *reality shows* *Legendary*<sup>2</sup> e *RuPaul 's Drag Race*<sup>3</sup>, sendo este último o maior responsável pela popularização da arte *Drag*, no universo musical, os álbuns *Born This Way* (2011) e *Renaissance* (2022) das artistas Lady Gaga e Beyoncé,

<sup>1</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=qrO4YZeyl0I>

<sup>2</sup> Programa de TV em que dez Houses competem em bailes temáticos para receber o título de "Legendary House".

<sup>3</sup> Programa de TV apresentado pela *Drag Queen* Rupaul, em que *Drag Queens* competem para receber o título de "Próxima *Drag Superstar* dos Estados Unidos".

respectivamente e a descoberta dos transgressores *Dzi Croquettes*<sup>4</sup> que me servem de base em minhas pesquisas sobre o *Teatro Cúier* brasileiro.

### 3. OLHEI E GRITEI: ARTISTA!

Começo minha trajetória artística cúier, quase que sem saber, no primeiro semestre do ano de 2018, quando ainda estava no *Curso de Teatro Licenciatura* da *Universidade Federal de Santa Maria* em que estava matriculado na disciplina de *Encenação III* e tínhamos como objetivo a criação partindo da análise ativa do clássico *O Beijo no Asfalto*<sup>5</sup>. Partindo desse texto dirigi duas cenas e fui performer para uma colega da disciplina. Nesse espaço exploramos questões relacionadas às violências sofridas por pessoas cúiers (à beira do caos) no contexto brasileiro de 2018.

Ao final do ano de 2018 e no decorrer de 2019, estava no auge do meu orgulho gay (apesar da triste realidade brasileira) comecei meus estudos sobre os *Dzi Croquettes* junto do meu interesse em criar uma encenação com referências da arte *Drag* na disciplina de *Encenação IV*, ainda no *Curso de Teatro Licenciatura*. O referido projeto tinha como título *As teatralidades presentes em manifestações culturais da comunidade queer* e culminou na encenação *Feeloop*, ao final do ano de 2019.

Os *Dzi Croquettes* retornam no ano de 2022, já no

*Curso de Artes Cênicas Direção Teatral*, quando desenvolvi o processo criativo da



Figura 02: Primadonna, Brook e Judith. *Feeloop*. Acervo pessoal  
Fotografia: Livê Cocco

<sup>4</sup> Grupo teatral que surge durante a Ditadura Militar do Brasil. Transitava e questionava os padrões de gênero através do humor escrachado e pela ousadia estética.

<sup>5</sup> Dramaturgia de Nelson Rodrigues que narra a história do bancário Arandir que presencia um atropelamento e atende ao pedido de um beijo na boca feito pelo sujeito prestes a morrer. Tal situação causa enormes alvoroços na sociedade e no núcleo familiar do protagonista. A peça discute homofobia, machismo, e sensacionalismo.

encenação *ELEGBETERES: PENETRANDO URANUS*, em que mobilizei minha pesquisa teórico-prática para a criação de uma encenação partindo da *performatividade cênica corporal erótica Cúier* dos *Dzi Croquettes* e elementos que compõem a *Conferência-espetáculo*. Esse trabalho integrou os conteúdos das disciplinas de *Encenação V e VI* e *Laboratório de Orientação I e II* do *Curso de Artes Cênicas Direção Teatral* da *Universidade Federal de Santa Maria*. Além disso, é necessário dizer que a concepção da encenação *ELEGBETERES: PENETRANDO URANUS* partiu de referências cúiers, principalmente brasileiras, como Linn da Quebrada<sup>6</sup>, Juçara Marçal<sup>7</sup>, Jup do Bairro<sup>8</sup> entre outros.

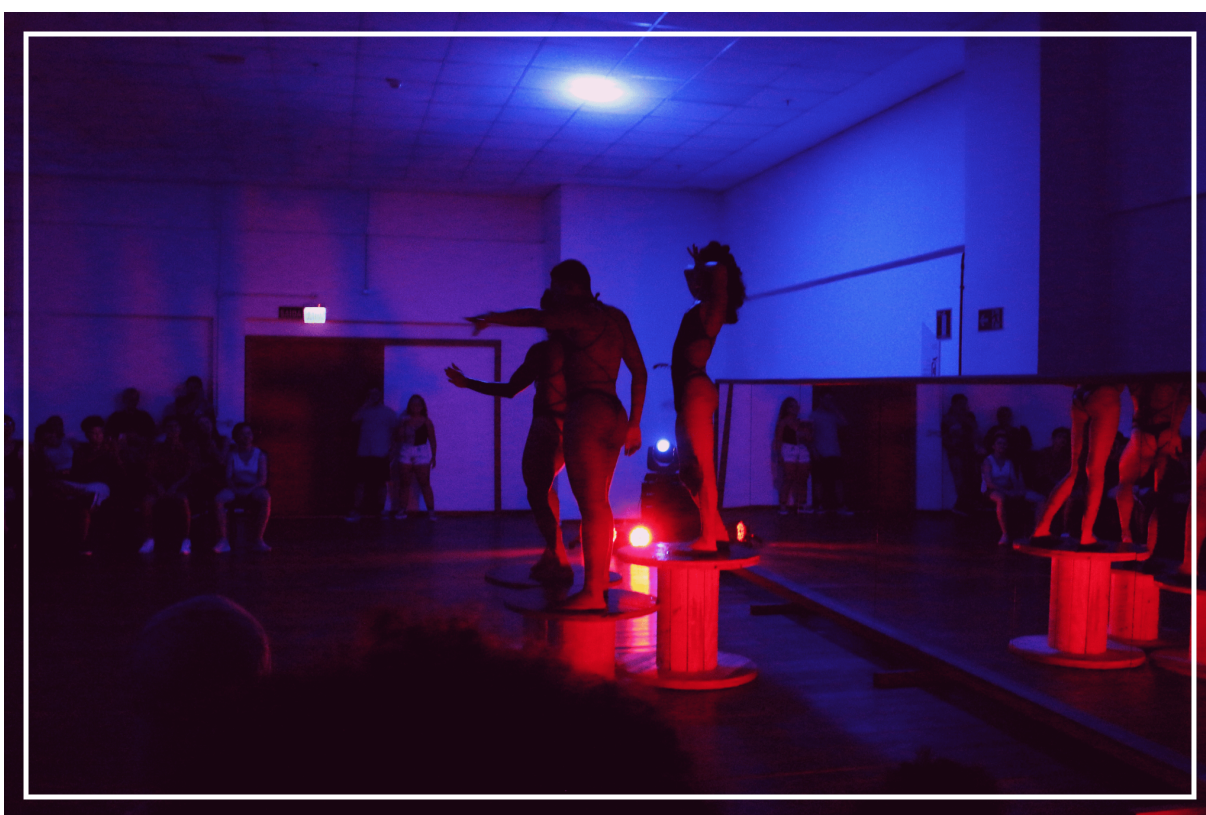


Figura 03: *ELEGBETERES: PENETRANDO URANUS*  
Fotografia: Daniele Wilhelm

<sup>6</sup> Juçara Marçal Nunes é uma cantora, atriz e professora brasileira, conhecida tanto pelo seu trabalho nos grupos Vésper Vocal, A Barca e Metá Metá, como pela carreira solo. Segundo a bio seu perfil do YouTube Music. Disponível em:

<<https://music.youtube.com/channel/UCKZomy9tyG-iMUpDDDB761A?si=Jgkn5LSaPzr4k4qA>>.

<sup>7</sup> Lina Pereira dos Santos, mais conhecida como Linn da Quebrada, é uma cantora, compositora, atriz e ativista social trans brasileira. Segundo a bio seu perfil do YouTube Music. Disponível em: <[https://music.youtube.com/channel/UCuPvVZwEZ\\_xjPGt3\\_CXCprg?si=WNkdvcsWgGElfOd4](https://music.youtube.com/channel/UCuPvVZwEZ_xjPGt3_CXCprg?si=WNkdvcsWgGElfOd4)>.

<sup>8</sup> Jup Lourenço Mata Pires, mais conhecida por seu nome artístico Jup do Bairro, é uma cantora, compositora, apresentadora brasileira e ex-companheira musical de Linn da Quebrada. Segundo a bio seu perfil do YouTube Music. Disponível em: <<https://music.youtube.com/channel/UCC2Gul4uAlk9BDgi7rhTlvQ?si=eJ9eDh2Q-MNNN092>>

Dando continuidade na pesquisa sobre a temática cúier defini o desenvolvimento do processo criativo da encenação O BAILE CÚIER utilizando os corpos dissidentes dos padrões cis heteronormativos e a estrutura e estética da cultura *Ballroom*. Tal processo é parte do meu *Trabalho de Conclusão de Curso* e será apresentado detalhadamente no decorrer deste documento.

#### 4. PESQUISAR... É FUNDAMENTAL!

Neste capítulo serão apresentadas referências teóricas acerca dos dois principais eixos para o processo criativo da encenação O BAILE CÚIER, sendo eles a imposição dos padrões cis heteronormativos e os corpos dissidentes e a cultura *Ballroom*.

No tocante a pesquisa teórica acerca da imposição dos padrões cis heteronormativos e os corpos dissidentes, me apropriei do estudo dos textos *Um apartamento em Urano* (2020) e *Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"* (2011) de Paul B. Preciado, *Performatividade de gênero, performatividade queer e o queering como método* de António Fernando Cascais (2019) e "Cancelando" o cúier de Larissa Pelúcio e Tiago Duque (2020). Além dessas, juntaram-se o artigo *Brinquedo, gênero e educação infantil: uma análise de experiências em salas de aula*, escrito por Fernando Altair Pocahy, Daniel Vieira Silva e Juliana Kathlen da Silva (2022).

Entre as referências teóricas sobre a cultura *Ballroom* estão o primeiro capítulo do trabalho de conclusão de curso *O PERCURSO HISTÓRICO DA CULTURA DRAG: uma análise da cena queer carioca* de Danilo Simões Liu (2017), *"I am Ballroom": tensões, reiteraões e subversões na partilha do sensível da cultura Ballroom midiaticizada* de Thiago Henrique Ribeiro dos Santos e Pedro de Assis Pereira Scudeller (2020) das dissertações de mestrado *Drag queens, montagens e reinvenções: Tecendo outras existências* de Rodrigo Souza Silva (2015) e *A transnacionalização da cultura dos Ballrooms* de Henrique Cintra Santos (2018).



Também me debrucei sobre o documentário *Paris is Burning*<sup>9</sup> (1990), a série *POSE*<sup>10</sup> (2018-2021), *reality show Legendary* (2020-2022) e outros materiais audiovisuais que forem necessários para pesquisa. Com isso, ao rever o documentário busque focar no entendimento teórico ao observar e reconhecer as características históricas, estruturais, espaciais e estéticas da cultura *Ballroom*, como por exemplo, as categorias e o palco em passarela, que foram utilizados criativamente em O BAILE CÚIER.

Para além disso, a cultura *Ballroom* exigiu uma expressão corporal específica, que acaba por contaminar todas as categorias. O foco teórico foi trabalhado na observação das relações entre pesquisa sobre a dança voguing e diversos materiais teóricos, entre eles os artigos *VOGUE: dança a partir de relações corpo-imagem* de Odailso Berté (2014), *Vogue! Strike a Pose se posicione! Dançando (com) afetos e imagens* de Odailso Berté e Raimundo Martins (2014).

#### 4.1 A IMPOSIÇÃO DOS PADRÕES CIS HETERONORMATIVOS E OS CORPOS DISSIDENTES

O presente processo de criação é composto por cinco atores, uma atriz e um encenador cúier, cada um com sua forma de expressão corporal, gênero e sexualidade. Sendo assim, todos fogem dos padrões cis heteronormativos em algum nível. Nossas performatividades plurais são percebidas dentro e fora da sala de ensaio e expressam revolta a imposição dos padrões cis heteronormativos como únicos a serem aceitos socialmente.

Nossa existência transgressora questiona tais verdades absolutas, pois representamos e experienciamos múltiplas formas de existência. Porém, a sociedade, em sua maioria, não está disposta a reconhecer e se relacionar com corpos dissidentes, para além da violência que nos é direcionada desde o nascimento. Sobre isso:

---

<sup>9</sup> *Paris Is Burning* é um filme-documentário estadunidense de 1990 dirigido e escrito por Jennie Livingston e gravado em diferentes fases da década de 1980, que segue a comunidade LGBT na cidade de Nova Iorque. Em 2016, a obra foi selecionada pelo National Film Registry à Biblioteca do Congresso como "cultural, histórica ou esteticamente significativa". Segundo bio no Google Play. Disponível em: <[https://play.google.com/store/movies/details/Paris\\_is\\_Burning?id=8385EDFBA6BF40DFMV&hl=pt\\_BR&gl=US](https://play.google.com/store/movies/details/Paris_is_Burning?id=8385EDFBA6BF40DFMV&hl=pt_BR&gl=US)>.

<sup>10</sup> Série de TV que retrata a cena Queer de Nova Iorque do final da década de 1980 e começo da década de 1990.

Crianças que transgridem essa lógica e vivenciam a experimentação da infância através de outras escolhas e referências são caracterizadas como problemáticas, entrando na necessidade de analisar e interferir nesse comportamento (dito) desviante seja com especialistas da saúde ou da pedagogia. É preciso entender quais caminhos levaram a considerar “desvio” as expressões da criança e quais riscos futuros na sua formação, trazendo a homossexualidade ou a transgeneridade para o centro da discussão.(POCAHI; SILVA; SILVA, 2022, p.50-51)

Enquanto pessoas cúier, sofremos diariamente com a cis heterossexualidade compulsória que se estende pela sociedade como um regime político que poda outras formas de existência senão a cis heteronormativas. Ou seja, a sexualidade nessa sociedade está atrelada à posição de poder que cada corpo ocupa nela, em que a cis heteronormatividade branca cisgênero é o padrão estabelecido ao pico dessa pirâmide. Desse modo, compreendemos que os gêneros e sexualidades dissidentes se manifestam como expressão discursiva e cultural transgressora.

Quando nos colocamos a observar a presença cúier na atualidade é quase impossível ignorar a presença das drags, principalmente no Brasil. Elas estão se colocando cada vez em evidência artística e midiaticamente, sendo que esse último âmbito é compreendido por mim como uma forma de hackear o sistema mainstream com discussões importantes sobre a comunidade cúier. As drags, para além disso, segundo Judith Butler, se utilizam da emulação e paródia para questionar e colocar em destaque os mecanismos de reprodução dos padrões psicofísicos de expressões de gênero e sexualidade, impostos pela hetero cisgeneridade (BUTLER, 2011, p. 58-59 apud. CASCAIS, 2019, p.31).

Os corpos andróginos fluem, nem sempre de maneira proporcional, entre a masculinidade e feminilidade, sem a necessidade de determinar, mas sim extrapolar as lógicas. Na fluidez dessas performatividades, podemos reconhecer que nossos corpos cúier estão em movimento de transformação, transição e transmutação constante, baseada em assumir a nossa expressão e identidade política dentro da multiplicidade cúier:

Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida. Essas diferenças não são “representáveis” porque são “monstruosas” e colocam em questão, por esse motivo, os regimes de representação política, mas também os sistemas de produção de saberes científicos dos “normais”. (PRECIADO, 2011, p. 18)

Palavras como monstruosidade, bizarrice e esquisitice são algumas das traduções possíveis para o termo *cúier* e que foram colocadas em cena na encenação. Tais escolhas se dão pela potencialidade em contaminar com esquisitice, de modo a desnaturaliza-la, subvertendo-a e apoderando-se dessa expressão discursiva para a construção de O BAILE CÚIER.

Para além disso, é reconhecida a necessidade de se abrigar o termo, pensando sobretudo que o uso do termo *queer* no Brasil perde o seu valor, ou melhor seu desvalor agressivo. Dessa forma - e tendo como referência estudos de Pelúcio (2014) - me aproprio da palavra antropofagizada *cúier*, para buscar um termo reflexivo das demandas, revoltas, dissidências e existências típicas de um país periférico como o Brasil. Nas palavras de Pelúcio:

Também em português “queer” nada quer dizer ao senso comum. Quando pronunciado em ambiente acadêmico não fere o ouvido de ninguém, ao contrário, soa suave (queer), quase um afago, nunca uma ofensa. Não há rubores nas faces nem vozes embargadas quando em um congresso científico lemos, escrevemos ou pronunciamos queer. Assim, o desconforto que o termo causa em países de língua inglesa se dissolve aqui na maciez das vogais que nós brasileiros insistimos em colocar por toda parte. (PELÚCIO, 2014, s.p.)

As discussões sobre o *cúier* se fortalecem por vias teóricas em ambientes acadêmicos e não por demanda popular, como aconteceu nos Estados Unidos (PELÚCIO, 2017). Dessa forma, entende-se que o *queer* não carrega, no Brasil, um peso diretamente contracultural ou contestador- a despeito de sua importância enquanto instrumento conceitual que encerra um inegável caráter político, imprescindível para o fortalecimento e criação de políticas públicas voltadas à população LGBTQIAP+. Desta maneira, cabe ressaltar que o uso do *cúier* com “CU” vem do desejo de transgressão das normas estabelecidas, assim como sugere o termo original, porém com a agressividade condizente com a realidade brasileira. Nas palavras de Pelúcio:

No Brasil usamos a palavra “bunda”, de origem africana, para nos referirmos às nádegas, enquanto portugueses e espanhóis, usam “cu” ou “culo”, respectivamente, para o mesmo fim. Para nós, brasileiros, somente o orifício excretor merece este nome. Por sua associação com dejetos, aqui, como em outros lugares, ele está associado a palavrões, a ofensas, ao que é sujo, mas também a um tipo de sexo transgressivo, mesmo quando praticado por casais heterossexuais. Porém, no imaginário sexual local, o sexo anal está estreitamente associado à homossexualidade masculina.

O cu excita na mesma medida em que repele, por isso é Cúier.  
(PELÚCIO, 2014, s.p.)

Para mais, é preciso dizer que por muito tempo, até nos dias atuais, pessoas cúier são colocadas em nossa sociedade como impuras, depravadas, sujas e barulhentas, assim como o cu. Nos apropriamos do cu para falar sobre a existência de pessoas que desviam dos padrões impostos de cis heteronormatividade que são marginalizadas no Brasil. Também alargamos o cu ao mostrar que também produzimos conhecimento, pesquisa e reflexão sobre o que quisermos falar. Dessa forma, estamos reconhecendo e fortalecendo ambiguidades, paradoxos e contradições potentes para as discussões acerca das performatividades cúier, no entanto sem querer limitá-la.

#### 4.2 A CULTURA BALLROOM

Na cultura *Ballroom*, o corpos cúiers conquistaram a oportunidade de estabelecer contato com o universo artístico através das produções para esses eventos. Como por exemplo desenvolver habilidades para concepção de figurinos, maquiagem, cabelo, coreografia, além de reconhecer referências que fortalecem sua identificação enquanto pessoa cúier, através de desfiles teatrais e performances musicais. E ao competirem nos *Ballrooms*, as *Houses* almejam receber troféus e títulos reconhecidos e valorizados dentro dessa cultura. Desse modo, esses eventos proporcionam a socialização entre os membros dessa expressão.

A cultura *Ballroom* se apropria dos padrões impostos de gênero e sexualidade e acaba por reestruturá-lo como ferramenta de proteção.

Deve-se reiterar sempre que há sim um intuito subversivo direcionado às normatividades as quais esses indivíduos estão subjugados em seus dia a dia, mas que, devido às necessidades básicas para sobrevivência, esses membros não possuem outra escolha a não ser lançar mão das habilidades de performance que tanto praticam para poderem garantir sua sobrevivência no dia a dia. Ou seja, eles escancaram de fato o caráter performativo das identidades, mas tal grito de protesto é limitado exatamente por aquilo que tentam tanto subverter, sendo assim, uma questão de conservação de seu sustento e sua segurança física e emocional. (SANTOS, 2018, p.50)

Os padrões existem e não serão extintos com facilidade, mas devem ser reconhecidos e escolhidos conscientemente por cada corpo. Há um esforço da sociedade por impor somente os padrões cis heteronormativos, sendo, em muitos

casos, absorvido e performado conscientemente por pessoas cúiers como estratégia de sobrevivência física.

Outro aspecto cartografado é o emprego da performatividade de gênero com fins estratégicos, tanto como condição biopolítica de sobrevivência quanto como recurso para obtenção de vantagens na cena dos desfiles. Aprender a manipular e emular códigos socialmente considerados femininos e masculinos, desenvolvendo uma passabilidade cisnormativa, aparece como um importante recurso para transitar pelos espaços públicos urbanos e não sofrer violência simbólicas e físicas. Tais usos estratégicos de passabilidade também são empregados em outras situações, uma vez que sujeitos lançam mão deles em categorias dos balls (conhecidas como *realness*) quando se exige nada menos do que a ilusão máxima alimentada por representações midiáticas em circulação no mainstream. (DOS SANTOS; SCUDELLER, 2020, p.23)

Nos *Ballrooms*, é forjado um espaços onde as pessoas dissidentes dos padrões cis heteronormativos podem revelar como gostariam de ser, se vestir, falar e se portar e fazer tudo isso com elegância, sedução, beleza, habilidades e conhecimentos. Essas pessoas, podem se transformar sem correr o risco de serem criticados, questionados e até mesmo humilhados.

Conforme descreve a drag queen Dorian Corey (1937-1993), nesses shows era possível aos gays e negros serem e parecerem executivos, militares, homens e mulheres bem sucedidos, mostrando ao mundo branco e heteronormativo que o seriam se tivessem oportunidade. É um tipo de posse. Teus pares, teus amigos dizem: “Você daria um ótimo executivo”. [...] Não é nenhuma paródia nem sátira. Trata-se de ter a capacidade de ser isso”. (Paris is Burning, LIVINGSTON apud BERTE; MARTINS, 2014, 869)

Tal caráter de subversão dos padrões cis heteronormativos se dá através também da linguagem, sendo que a cultura *Ballroom* possui uma linguagem própria proveniente de expressões que na sociedade cis heteronormativas podem ter conotações pejorativas e marginalizadas a corpos dissidentes, mas que são ressignificadas através do ironia pelos membros.

No local de origem da cultura dos *Ballrooms*, expressões que na sociedade hegemônica carregam uma carga pejorativa e marginalizante são utilizadas em sua repetição incessante como forma de ressignificá-las em busca de alterarem a historicidade que as acompanha a ponto de desestabilizarem os discursos marginalizantes que tem nessas injúrias o seu principal apoio. (SANTOS, 2018, p.134)

A cultura *Ballroom* vem ganhando uma expansiva divulgação da mídia, tendo seus fundamentos advindos de bailes de máscaras com a presença majoritária de pessoas LGBTQIAP+ que aconteciam em Nova Iorque desde o final do século XIX. Somente a partir da década de 1960 com crescente embates raciais no interior desses eventos, pessoas negras e latinas, estruturaram seus próprios bailes que originam a cultura *Ballroom*. Nas palavras de Santos:

A década de 1960 figura como o momento em que a cultura dos Ballrooms como a enfocada aqui começou a se moldar e um dos grandes motivos reside nos embates raciais que figuravam nesses grandes bailes de drag. Como já explicitado por Hughes (1993), a presença de brancos nesses bailes era grande e, apesar de uma integração até que notável, principalmente pelo contexto social e político da época em relação às questões raciais, os participantes negros que quisessem uma chance real de ganhar em alguma das categorias, deveriam “branquear” sua aparência e, mesmo assim, raramente conseguiam levar o prêmio da noite. Sendo assim, iniciaram-se os bailes organizados pelos e para os próprios participantes negros, o que em um processo gradual de transformações e novas práticas, tornou-se a cultura dos Ballrooms. (SANTOS, 2018, p.15-16)

Tal estruturação se fixa a partir de 1960 em subúrbios estadunidenses como competições que celebram e acolhem corpos dissidentes dos padrões cis



Figura 04: *Paris is Burning*. Na Fila Traseira: Angie Xtrava, Kim Pendavis, Pepper Labeija, Junior Labeija. Fila Do Meio: David Xtrava, Octavia St. Laurent, Dorian Corey, Willi Ninja. Frente: Freddie Pendavis. Reprodução

heteronormativos, cúiers negros e latinoamericanos. A cultura *Ballroom* veio sendo absorvida no mainstream, principalmente a partir do documentário *Paris is Burning* e a música *Vogue* da cantora Madonna, ambos de 1990 e até os dias atuais vem sendo apreciada através do *reality show* *Legendary* (2020-2022), a série *POSE* (2018-2021) e ainda com o álbum *Renaissance* (2022) da cantora Beyoncé.

Embora tenha ganhado espaço no *mainstream* desde o começo da década de 1990, graças aos materiais mencionados anteriormente, a cultura

*Ballroom* ainda é considerada como underground, pois suas dinâmicas internas ainda não são conhecidas pelo grande público (SANTOS, 2018, p.10). Dessa forma, atualmente, é possível notar que são pontuais as apropriações da cultura *Ballroom* pela mídia, sendo direcionadas principalmente para o público LGBTQIAP+.

O BAILE CÚIER utiliza conscientemente esse direcionamento e interesse do público cúier para que sua experiência seja de celebração. Sendo um compartilhamento de referências e vivências específicas de pessoas cúier, a encenação não almeja que seja mais um momento de relembrar nossas dores, pois a sociedade já faz isso diariamente com a violência que nos é destinada pela imposição dos padrões cis heteronormativos.

Nesse sentido, nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 2023, foi perceptível a presença massiva de pessoas cúier que ao experienciar O BAILE CÚIER relataram que não se lembravam de alguma vez reconhecer tantas referências ao seu universo como naquele momento. Nesse aspecto, O BAILE CÚIER buscou emular junto do público cúier um espaço seguro para expressão desses corpos, os valorizando, evidenciando e celebrando.

Tais escolhas vem justificadas ainda pela cultura *Ballroom*, que influenciou na inserção de pessoas cúiers em ambientes urbanos nas décadas de 70 e 80, visto que, essas pessoas foram muitas vezes expulsas de casa no momento em que sua família descobriu sua condição dissidente dos padrões cis heteronormativos. Ao serem colocadas em situação de marginalidade social, por terem sido expulsas da casa de seus familiares, as pessoas cúier criaram entre si uma nova configuração familiar.

Deste modo, a estrutura dos *Ballrooms* assumiu termos e posições que remetem a estrutura familiar padrão e assim, partindo dessa intenção foram criadas as *houses*. Nessa outra construção familiar, pessoas cúier podem ocupar funções que lhe foram - e ainda são - negadas pelo padrão social. Seguindo nesse mesmo sentido da criação das *houses*, a cultura *Ballroom* também cria figuras, entre elas, a materna e a paterna (SANTOS, 2018, p. 18). Apresento a seguir um breve histórico e a configuração inicial da estrutura das *houses* a partir do pensamento Dos Santos e Scudeller (2020):

Essas estruturas são organizadas em volta de um “pai” ou uma “mãe”, assim chamados pelos seus membros, responsáveis pelos cuidados e aconselhamentos de seus “filhos”. Além dessa figura principal, responsável por conduzir o grupo, as

houses são também identificadas pelos seus nomes, frequentemente associados a grifes internacionais, símbolos ou lemas que identificam características de seus integrantes. A primeira house teria surgido em 1972, quando Crystal LaBeija, uma das poucas negras a conseguir o título de Queen of the Ball em um baile organizado por brancos, foi convidada a organizar um ball e começar um grupo próprio. Assim, supostamente, teria nascido uma das mais icônicas casas da cultura Ballroom: House of LaBeija (SANTOS, 2018 apud. DOS SANTOS; SCUDELLER, 2020, p.4).

Sendo assim, a cultura *Ballroom* se estabelece pelo compartilhamento de princípios de suporte e organizações que não visam somente o entretenimento, mas também a sensação de pertencimento e segurança entre pessoas dissidentes em espaços marginalizados pela sociedade (ESTEVAM; GERALDES, 2021, p.5). Ela assume, portanto, um papel social que vai além da convivência dos *Ball*, ou seja, os cuidados e aconselhamentos, acima citados também tem vínculos com a vida pessoal e sobrevivência no mundo que oprime corpos dissidentes. Assim sendo, a cultura *Ballroom* também atua como base de apoio e construção de laços afetivos, econômicos e sociais.

Além das *Houses*, dos padrões familiares, das duas divas da música Pop estadunidense e das duas personalidades lendárias cúiers do Brasil, apontadas acima, também utilizamos outras referências da estrutura e estética da cultura *Ballroom* e para isso me apoiei, principalmente em Estevam e Geraldes (2021), que colocam sobre os eventos *Ballrooms*:

Em primeiro lugar, para ocorrer o evento, é necessária uma localidade, um espaço infraestruturado, e assim o evento decorre por categorias temáticas. Assim, chegamos aos Judges (Júri), que avaliam e decidem quem ganha em cada categoria. Vale mencionar aqui as figuras de Host e Chanter (Anfitriã e Narração), que, respectivamente, comandam o evento anunciando as categorias e interage com quem compete, através de palavras de ordem e frases de efeito curtas e ritmadas, de forma a potencializar o evento.(ESTEVAM; GERALDES, 2021, p.4)

Quanto a tal estruturação trazida pelos autores, podemos dizer que utilizamos criativamente da maioria dos elementos que compõem a estrutura e a estética da cultura *Ballroom* em O BAILE CÚIER.



## 5. O BAILE CÚIER

Neste capítulo será apresentado o processo de criação dos principais elementos que constituíram O BAILE CÚIER. Nossa passarela narrativa será montada começando pela criação dos seres que ocupam essa encenação, depois discorreremos sobre a concepção visual e sonora, seguida do subcapítulo dedicado à dramaturgia criada coletivamente por mim e pelo elenco e para finalizar será detalhado o processo criativo de cada uma das cenas que formam O BAILE CÚIER.

### 5.1 COM VOCÊS, OS NOSSOS CORPOS!

Início relatando sobre a criação dos seres imaginados que compõem esta encenação. No começo do processo de criação eles não foram criados com gênero, sendo posteriormente entendidos, pelo elenco e por mim, como personificações do glamour e poder expressivo dos corpos cúiers, representando a diversidade que deveria poder existir livremente. No entanto, a realidade social é outra, somos violentados desde o nosso nascimento pela imposição dos padrões cis heteronormativos. Portanto, com este processo de criação, buscamos expressar a fluidez da performatividade dissidente, pois reconhecemos que os corpos cúier estão em movimento de transformação, transição e transmutação constante, baseada em produzir a nossa cultura e identidade política dentro da multiplicidade cúier.

Reforçamos ainda que, nossos corpos são controlados, restritos, escondidos e punidos, não podendo gesticular as mãos, falar e dançar ao nosso modo e usar cores que não correspondem as expectativas de gênero impostas pela cis heteronormatividade. Muitos de nós são mutiladas quando ainda são bebês:

Com as novas tecnologias médicas e jurídicas de Money, as crianças “intersexuais”, operadas no nascimento ou tratadas durante a puberdade, tornam-se as minorias construídas como “anormais” em benefício da regulação normativa do corpo da massa straight. Essa multiplicidade de anormais é a potência que o Império Sexual se esforça em regular, controlar, normalizar. (PRECIADO, 2011, p. 13)

Dessa forma, nos é tirado o direito experienciar a potencialidade múltipla de nossos corpos, pois a fluidez deles vai contra a ideia de normalização cis heteronormativas da segunda metade do século XX, ou seja, eles são vistos como “mostruosos”:

Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade

de potências de vida. Essas diferenças não são “representáveis” porque são “monstruosas” e colocam em questão, por esse motivo, os regimes de representação política, mas também os sistemas de produção de saberes científicos dos “normais”. (PRECIADO, 2011, p. 18)

Tal imposição de poder cis heteronormativo é tão forte que contaminou, nossa principal referência estética, os *Balls*. Em seu início na década de 1960, ao criarem as categorias estruturantes foram utilizados parâmetros binários de gênero e sexualidade. Apresentamos por Dos Santos e Scudeller (2020) exemplos dessa estrutura:

A um só tempo, servem de categorias dos balls e identidades de gênero dos membros da cultura Ballroom. Sendo elas, butch queens up in drag (homens gays que se apresentam travestidos, mas não tomam hormônios nem se apresentam socialmente como mulheres em seus cotidianos); femme queens (mulheres trans em diferentes níveis de transição de gênero e que utilizam hormônios e/ou procedimentos cirúrgicos); butches (homens trans igualmente em diferentes processos de transição de gênero, além de mulheres – lésbicas ou não – com o que poderia ser considerado pelo sistema heteronormativo como uma “aparência masculina”); mulheres (biológicas, independentemente da orientação sexual, com “aparência feminina”); homens/trade (biológicos, heterossexuais ou não identificados socialmente como gays); butch queens (homens biológicos, gays ou bissexuais, extremamente masculinos).(DOS SANTOS; SCUDELLER, 2020, p.9).

Sobre o processo de criação de Natasha Caldeirão, Ariel Vêkanandre, Burnin Pantera, Divonna Pantera, Banks Montilla e Pussyvinny Montilla, destaco a complexidade de pensá-los como referência de um conceito pré-existente. Ainda assim, até o momento, localizo-os em algum lugar para ser criado e que pode, de certo modo, dialogar com as figuras e personagens propostas por Pavis (2008). A figura:

designa um tipo de personagem sem que seja precisado de que traços particulares essa personagem se compõe, A figura é uma forma imprecisa que significa mais por sua posição estrutural que por sua natureza interna (como o termo alemão *Figur*, ao mesmo tempo silhueta e personagem). A figura, como o *papel \*co tipo\**, reagrupa um conjunto de traços distintivos bastante genéricos. Ela se apresenta como uma silhueta, uma massa ainda imprecisa[...](BARTHES, 1963, p. 10 apud PAVIS, 2008, p.167).

Ainda segundo o autor, a personagem:

está em condições de assumir os traços e a voz do ator, de modo que, inicialmente, isso não parece problemático. No entanto, apesar da "evidência" desta identidade entre um homem vivo e uma *persona*, esta última, no início, era apenas uma máscara - uma *persona* - que correspondia ao papel dramático, no teatro grego. É através do uso de *pessoa* em gramática que a *persona* adquire pouco pouco significado de ser animado e de pessoa, que a personagem teatral passa a ser uma ilusão de pessoa humana. (PAVIS, 2008, p.285)

Neste sentido, refletindo após a estreia do espetáculo apresento essa linha de tensão, pois vejo nela a possibilidade de estudos futuros, como por exemplo, um estudo conceitual para pensar dramaturgia, ou como suporte para criação de outra dramaturgia, ou a formatação de reflexões no formato de artigos ou temas de pesquisa de mestrado.



As figuras-personagens em **O BAILE CÚIER** são divididas em três duplas, sendo duas delas vinculadas às Casas Montilla e Pantera. **Banks Montilla** e **Pussyvny Montilla**, são as que defendem a **Casa Montilla**, e por esse motivo recebem seu sobrenome. O mesmo acontece com **Burnin**

**Pantera** e **Divonna Pantera**, que defendem a **Casa Pantera**. Ambas as Casas evocam as personalidades lendárias Silvetty Montilla e Marcia Pantera, respectivamente.

Para além dessas importantíssimas figuras cúiers brasileiras, nossas Casas também são inspiradas em duas Divas Pop que são consideradas responsáveis pela inserção da cultura *Ballroom* no mainstream global. Deste modo, Madonna



e Beyoncé também são celebradas e também representadas pelas Casas. Sendo que, a Casa Montilla referência Beyoncé e a Casa *Pantera*, Madonna, em diversos momentos de O BAILE CÚIER.



A terceira dupla é formada por Natasha Caldeirão de Albuquerque Pampi de Gaspari e Ariel Vêkanandre Stephany Smith Bueno de Ha Ha Ha de Raio Laser de Bala de Icekiss que ocupam exercem a função de introduzir e explicar as categorias ao público e

instigar a participação dele, por meio de comentários descontraídos, gestos e palmas, além de guiar as Casas Pantera e Montilla em O BAILE CÚIER.

O processo de criação de Ariel e Natasha têm referência de duas funções típicas da cultura *Ballroom*, que são chamadas de *Host* e *Chanter* (Anfitrião e Narrador), entre algumas inspirações personificadas estão a *Super Estrela Drag Estadunidense*<sup>11</sup> Rupaul e a *Super Estrela Drag Brasileira* Silvetty Montilla. Além disso, os sobrenomes vieram de memes da web estrela trans Leona Vingativa<sup>12</sup>.

Para darmos continuidade, é necessário trazer a figura dos jurados que na cultura *Ballroom*, evidenciam que, embora esses espaços sejam seguros para exercer as diferentes performatividades cúier e corpos dissidentes de modo glamouroso e extravagante, suas categorias são bem definidas e estão sob o olhar atento dos juízes que julgam a coerência do que as *Houses* apresentam com a categoria disputada.

Em O BAILE CÚIER, os jurados são simbolizadas por vídeos que representam corpos - em silhueta - dentro dos padrões sociais cis heteronormativos, ou seja, a sua aparência representam uma figura do padrão social imposto. Todavia,

<sup>11</sup> Referência traduzida da frase “American Drag Superstar”, um dos bordões de Rupaul no reality show *Rupaul’s Drag Race*.

<sup>12</sup> Artista visual trans, ficou conhecida ainda criança, aos 7 anos, com sua personagem que virou hit na internet. Moradora da periferia de Belém, foi uma das primeiras youtubers do Brasil. Entre suas obras, estão os videoclipes *Eu quero um boy* (2014) e *Frescáh no Círio* (2015), e o curta *Atrack em Paris* (2017), dirigido por André Antônio e Paulo Colucci. Segundo o site IMS. Disponível em: <<https://ims.com.br/convida/leona-vingativa/>>.

o conteúdo de suas vozes coloca, ao final de cada em cena, diversas perspectivas sobre a atuação artística de corpos dissidentes, representados pelas Casas Pantera e Montilla.

Nas cenas 2 e 3, os jurados acolhem e avaliam positivamente as performances das duas Casas. No entanto, no decorrer do espetáculo, a avaliação dos jurados também revela figuras opressoras e violentas que impõem os padrões cis heteronormativos sobre os corpos de Banks, Pussyvinny, Burnin e Divonna. A seguir, apresento os comentários dos jurados sobre a atuação artística da Casa Montilla durante a segunda cena *A CATEGORIA É... CINCO ELEMENTOS* que se relaciona a dança voguing:

**Áudio Jurado 1:** Eu adorei o catwalk que vocês fizeram!

**Áudio Jurado 2:** É maravilhoso ver vocês tão felizes e dançando tão bem.

**Áudio Jurado 3:** Eu sempre soube/acreditei/ que vocês são um artista!

Agora, irei expor os comentários dos jurados na *cena 4. A CATEGORIA É... FACE* que problematiza o uso de maquiagem por corpos socialmente rotulados como masculinos:

**Áudio Jurado 1:** Você me chamou para isso? Que vergonha!

**Áudio Jurado 2:** Tá parecendo aquelas coisas de traveco, drag queen! Sei lá como se chama! (Burnin responde agradecendo lisonjeado)

**Áudio Jurado 3:** Acho que tá faltando mais roxo nessa maquiagem! Vou te ajudar, no soco!

Com tais exemplos, é necessário dizer que em cada comentário, positivo ou depreciativo, as figuras-personagens das duas Casas e os dois apresentadores reagem de modo a repudiar falas que demonstram algum tipo de violência direcionadas à comunidade LGBTQIAP+. Tais reações enfatizam a potencialidade de representar a força, o glamour, a beleza, a grandiosidade e o direito de pertencimento social de nossos corpos apesar da violenta imposição dos padrões cis heteronormativos. Dessa forma, as figuras-personagens também proclamam que não é mais tolerável a violência que somos submetidos desde o nascimento.

## 5.2 CONCEITO E ACLAMAÇÃO: CONCEPÇÕES VISUAIS E SONORAS

Neste subcapítulo será apresentado o modo como se deu a concepção dos elementos que compõem a visualidade e a sonoridade de *O BAILE CÚIER*, entre

eles, figurino, concepção do espaço, iluminação e cenografia, bem como áudios, músicas, trilhas e o modo como a fala é proposta.

### 5.2.1 GUCCI, PRADA, VERSACE, PANTERA, MONTILLA, VÊKANANDRE E CALDEIRÃO: Concepção de Figurino

No que se refere a esse elemento, é necessário dizer que, inicialmente, foi pensado o uso de uma mesma base. Ela serviria tanto como figurino em si, quanto como suporte para sobreposições, de acordo com a necessidade poética de cada cena. No entanto, com algumas definições dramáticas e também com o ingresso de mais três pessoas ao elenco, se fez necessário criar uma expressão visual que distinguisse a Casa Pantera da Casa Montilla. Com esses objetivos, cada casa, que é formada por uma dupla, compartilha concepção própria de figurinos. A identidade da Casa Pantera é trabalhada em toda a encenação, pela cor dourada, que compõe seus figurinos e seu espaço de entrada de cena, que



chamamos de portal. A identidade da Casa Montilla é trabalhada em toda a encenação pela cor prata, que também compõe seus figurinos e seu espaço de entrada das cenas.

Neste sentido, os figurinos têm como referências figurinos utilizados por Madonna e Beyoncé, que são representados, respectivamente, por Casa Pantera e Casa Montilla. Sendo assim, no campo semântico da encenação O BAILE CÚIER, a Casa Pantera serve a Realidade Madonna enquanto a Casa Montilla serve a Realidade Beyoncé.

Para melhor compreensão, contextualizo os termos serve e Realidade. Serve é um termo muito utilizado no universo cúier para significar apresentar algo de modo elaborado e bem

feito. Realidade, com R maiúsculo, é um termo retirado da estrutura *Ballroom* que se organiza por categorias, Realidade é uma delas. Em outros termos, Realidade também pode ser compreendido como um dos temas existentes na cultura *Ballroom*.

Além das definições de dourado e prateado para as duas Casas, houve a criação do figurino, específico e comum entre eles, para os apresentadores. Pensando nisso, os figurinos de Natasha e Ariel, utilizam referências das vestimentas comumente vistas em apresentadores de concursos de beleza, ou seja, blazer, calça e sapatos sociais. No entanto, agrega-se na concepção de figurinos dos apresentadores outras referências, quais sejam os trajes extravagantes dos *Host* e *Chanter*, pela presença do brilho e na transparências, criando assim, a unidade presente no figurino de Ariel e Natasha.



Neste sentido, penso, a partir de Pavis (2003), o interesse de evidenciar a identidade das duas duplas de competidores e a dupla de apresentadores também pelos figurinos, que estabelecem a unidade de duplas. Segundo o autor:

Não é tão fácil dizer onde começa a roupa, e tampouco é simples distinguir o figurino de conjuntos mais localizados como as máscaras, as perucas, os postiços, as jóias, os acessórios ou a maquiagem. É uma operação delicada extrair o figurino do conjunto do ator em seu meio. O que ganhamos então na precisão das análises das roupas, arriscamos perdê-lo na avaliação de seu impacto sobre o resto da representação. Na medida em que o figurino constitui muitas vezes o primeiro contato, e a primeira impressão, do espectador do ator e sua personagem, é por ele que poderíamos começar a descrição. (PAVIS, 2003, p.167)

Em O BAILE CÚIER, os figurinos distinguem cada dupla e suas referências também complementam a composição e o modo como cada dupla age nas cenas. Sendo que, a Casa Pantera trazia em suas performances, referências performáticas da cantora Madonna e a Casa Montilla, referências performáticas de Beyoncé. Já os

apresentadores, apropriam-se criativamente de diferentes referências ligadas a concepção de seus figurinos, como a personagem Pray Tell da série *POSE* (2018-2021) e Silvetty Montilla.

### 5.2.2 BEM VINDES AO PALCO PRINCIPAL: Concepção Espacial e Cenografia

Quanto à criação do espaço, optei pela escolha do *Teatro Caixa Preta-Espaço Cultural Rozane Cardoso*, por se adequar às necessidades técnicas e



estruturais projetadas na encenação. Compreendo que a configuração palco e plateia é determinante para o estabelecimento da poética da cena de *O BAILE CÚIER*, pois sofre forte influência da cultura *Ballroom*.

Para a concepção do espaço cênico utilizei a referência passarela, que é presente nos *Balls*, utilizada no documentário *Paris is Burning* (1990) e na série *POSE* (2018-2021). Nestas referências, é evidente que os *Balls* acontecem em salões de festa e tem como configurações espaciais predominante a forma de passarela, arena ou uma passarela-arena. Tais configurações permitem que o público - que também é participante - se posicione no entorno da área de competição, essa, por sua vez, fica em frente aos *judges*, que estão ao lado do *Host* e/ou *Chanter* em posição elevada por um palco.



Em *O BAILE CÚIER*, utilizamos a passarela, para que o público estivesse posicionado nas duas laterais.



Em uma das extremidades da passarela está localizado o palco de Ariel e Natasha. No lado oposto, estão os portais das Casas Pantera e da Casa Montilla que são separados por um telão que, por sua vez, recebe as projeções dos materiais



audiovisuais da encenação. Tal concepção espacial também intenciona colocar o público como parte da cena. A identidade da Casa Pantera e Casa Montilla se estabelece também pelas suas cores presentes em

cada portal e que extrapolam em todo o espaço através de cortinas de fitilhos metalizadas, evidenciando o caráter competitivo entre as Casas. Desse modo ainda, tanto o figurino quanto o cenário buscam remeter a cores associadas a Madonna - pela sua apresentação no *Super Bowl* em 2012, que a cor dourada ganhava destaque nos figurinos - e a Beyoncé - pelo uso do prata como cor principal da estética do álbum *Renaissance* (2022).

### 5.2.3 ELAS NÃO CHEGAM NEM PERTO DO **NOSSO BRILHO**: Concepção de Iluminação

No que se refere à concepção poética da iluminação de O BAILE CÚIER, compreendi que ela teria que ser dinâmica para que auxiliasse no estabelecimento de uma atmosfera glamourosa, criasse uma celebração cúier, instaurasse a atmosfera de competição e julgamento e também fosse direcionadora do olhar do público. Deste modo, ela também configurava as convenções propostas pelas relações entre os apresentadores, os competidores, os espaços de cena e a plateia. Uma das soluções se fez com recorte de luz, possível pelos refletores elipsoidais que definiam o espaço de entrada de cada Casa. Nessa criação dos corredores de entrada de cada competidor, também foi utilizada uma luz de ribalta produzida por refletores led de jardim com gelatina azul.

Além disso, foi criada uma geral para o palco dos apresentadores, uma luz a pino no centro da passarela para uso específico durante algumas cenas, e um canhão seguidor que se movimentava do topo de uma andaime. Nessa cena, os atores e a atriz se movimentavam por toda a passarela durante sua performance.

É necessário dizer que durante a concepção poética da iluminação, eu estive apreensivo, pois já compreendia a dificuldade de se iluminar cenicamente um espaço tão amplo e com uma configuração palco plateia complexa diante dos equipamentos disponíveis. Entre as dificuldades técnicas que surgiram com a montagem da luz estavam o direcionamento de focos que deixavam as paredes do teatro evidenciadas ao público, o uso excessivo de gerais e a falta de cor. Acredito que todos esses aspectos, se não solucionados, quebrariam atmosfera de O BAILE CÚIER.

#### **5.2.4 MAESTRO, TOCA UMA PRAS GAYS, PRAS BIS, PRAS SAPATÃO, PRAS TRAVESTIS, PRAS CÚIERS: Concepção Sonora**

Em O BAILE CÚIER, foram utilizados diversos materiais sonoros que contribuíram para a poética. Entre eles estão, áudios produzidos a partir de dados do real, músicas, trilhas, efeitos de edição e o modo como o texto foi trabalhado cenicamente.

As músicas foram pensadas partindo de referências da cultura *Ballroom* e da cultura pop cúier. Elas foram selecionadas visando uma certa atmosfera que contribuísse com a dramaturgia da cena e também evocasse a cultura *Ballroom*. Além disso, outro critério utilizado para a concepção musical foi a presença de obras de artistas que colocassem em cena a diversidade de gênero e sexualidade, como forma de celebrar nossas potências artísticas e referências culturais.

Em momentos específicos, a sonoplastia era responsável em quebrar a celebração, ao presentificar as violências sofridas por nós, pessoas cúiers. As quebras de atmosferas ocorriam de diversos modos, entre elas: - as falas opressoras interpoladas no instrumental das versões original e remix da música *Break My Soul* durante competição de voguing das duas Casas; - as falas violentas na voz em off dos jurados, projetadas em silhuetas; - os comentários da *Cena 7. A CATEGORIA É... REALIDADE*, que serão descritos no item 5.4.7; - os áudios violentos que interrompem a *cena 4. FACE* e também na voz dos atores ao apresentarem os dados do real.

Neste último momento, a quebra da atmosfera festiva e competitiva se estabelece pela mudança da luz quente para uma luz mais fria e também pelo tom de fala, que não é mais de Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão e sim, do ator Fábio Puntel e da atriz Vanessa Peixoto. Após a finalização da ruptura da atmosfera que apresenta dados do real, como índices de morte e violência sofridos pela comunidade LGBTQIAP+ no ano de 2022, ocorre nova mudança de atmosfera que retoma a competição festiva entre as Casas Pantera e Casa Montilla.

No subcapítulo 5.4, serão expostos os materiais sonoros utilizados em cada cena de O BAILE CÚIER, de modo a facilitar a compreensão de seu uso em relação aos outros elementos constituintes.

### 5.3 O NOVÍSSIMO TESTAMENTO: A DRAMATURGIA

O texto da encenação O BAILE CÚIER foi escrito coletivamente por mim e por todo o elenco, sendo que as contribuições ocorreram de diversas formas, como por exemplo a sugestões de músicas, de conteúdos do real, de soluções e estruturação das cenas. Para que essa dinâmica ocorresse, utilizamos o aplicativo *Google Docs* e nele efetivamos o processo de escrita e formatação do texto dramaturgico da encenação que, por sua vez, sofreu constante orientação, revisão e atualização até o última apresentação.

A dramaturgia foi criada utilizando conteúdos do *Teatro do Real* (MENDES, 2017, p.31), músicas inspiradas na cultura *Ballroom*, categorias dos *Ballrooms* para a estruturação das cenas e vídeos sobre a cultura *Ballroom*, sendo um de aspecto histórico. Além disso, alguns conteúdos dramaturgicos foram criados a partir de improvisações que foram trabalhadas e integradas no texto da cena. Este conteúdo será apresentado no subcapítulo 5.4 em que é descrito os componentes que constituíram as cenas.

Este processo de escrita coletiva pode ser pensado como uma experiência singular de um grupo e o seu modo específico de operacionalizar o conceito processo colaborativo. Tal dinâmica acontece ao reconhecer que todos os integrantes do elenco tinham espaço propositor para a construção dramaturgica quando, por exemplo, eram trazidos relatos, músicas e outros materiais que poderiam ser acrescentados na criação. Nas palavras de Araújo:

Se a horizontalidade das funções é uma regra básica de funcionamento desse sistema de criação, é inegável a

revalorização do ator como um criador em pé de igualdade com o dramaturgo e o diretor. A sua função autoral, muitas vezes encoberta ou restrita à execução técnica de uma determinada personagem, fica potencializada no processo. (2009, p. 49)

No entanto, isso não significa que não havia um filtro criativo, pois eu, na posição de encenador e dramaturgo, analisava as cenas e selecionava materiais potentes para a criação dramática. E por consequência, acabava exercendo a função de encenador-dramaturgista (MOREIRA, 2016).

Em um modo colaborativo, as contribuições podem vir de diferentes membros do processo de criação, no entanto a palavra final cabe ao artista responsável pelo elemento em questão. O artista parte “do pressuposto, é claro, de que ele irá discutir, incorporar elementos, negociar com o coletivo todo - durante o tempo que for necessário -, porém, no caso de algum impasse insolúvel, a síntese artística final estará a cargo dele” (ARAÚJO, 2009, p.49).

Nesse processo de criação colaborativa, a palavra final cabia a mim e também articularam-se conteúdos do real como por exemplo, relatos de conversas sobre as vivências pessoais do grupo, coleta de dados de violências sociais, notícias referentes a situações de imposição dos padrões cis heteronormativos e referências bibliográficas. Partindo disso, selecionamos e organizamos criativamente a dramaturgia do espetáculo, que também intencionava utilizar como referência para a estrutura dramática a estrutura do *Ballroom*.

Para criar a estrutura do texto dramático utilizei como referência duas figuras icônicas da cultura *cúier* brasileira. Também foram utilizadas as categorias e a organização familiar presente na cultura *Ballroom*. Deste modo, foram criadas as duas *Houses* que competem entre si na encenação. Melhor seria dizer, em português Casas, pois os seus nomes evocam as personalidades brasileiras Marcia Pantera e Silvetty Montilla.

Marcia Pantera é a expressão drag de Carlos Márcio José da Silva, nascida na década de 1980 em boates de São Paulo, quando se chamava essa arte de transformismo. Segundo Marcio



Figura 05: Marcia Pantera. Revista Quem

Rolim, no Podcast *Bee40tona*<sup>13</sup> e Bianca DellaFancy na introdução do seu quadro de entrevista *Della Make*<sup>14</sup>, com Marcia Pantera, a **lenda** é a criadora do *Bate Cabelo*, que é uma ação cúier e expressão tipicamente brasileira em que são feitos movimentos de cabeça que provocam o balanço dos cabelos no ritmo das batidas da música. Essa performance é legitimada em apresentações de drag queens nacionais e internacionais. Marcia Pantera, também é atriz e modelo, sendo a musa inspiradora do estilista brasileiro Alexandre Herchcovitch - *tá bom pra você, querida?*.



Figura 06: Silvetty Montilla. Revista Quem

Silvetty Montilla é considerada junto de Marcia Pantera, uma das maiores drag queens do Brasil - *conhecidíssima como a noite de Paris*. Silvetty é atriz, repórter e apresentadora de boates paulistanas babadeiras e já comandou o seu próprio *reality show* drag, o *Academia de Drags*<sup>15</sup>. A lendária drag queen é a expressão drag de Sílvio Cássio Bernardo que fabrica inúmeros bordões para nossa diva, entre eles: “Tá boa?”; “Quem pode, pode. Quem não pode, me olha!”; “Foca nas joias...”; “Tá ótimoooooooo...”. Além disso, Silvetty sempre

está em nossas timelines com seus memes.

No interior dos *Ballrooms*, as *Houses* competem em diversas categorias. Em O BAILE CÚIER utilizamos criativamente o ato de competir entre as Casas Montilla e Pantera a partir das pesquisas de materiais diversos, entre eles o documentário *Paris is Burning* (1990). Com estes materiais, formatamos o roteiro das cenas contemplando seis categorias internacionais e duas categorias dos *Ballrooms* brasileiros, o *Bate cabelo* e *Batekoo*. A versão do roteiro das cenas utilizada nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 2023, foi organizado da seguinte forma:

- Cena 1. INTRO
- Cena 2. A CATEGORIA É: CINCO ELEMENTOS
- Cena 3. A CATEGORIA É: PASSARELA

<sup>13</sup> Ver em: [https://www.youtube.com/watch?v=yr57aGl-uRw&ab\\_channel=Bee40tona](https://www.youtube.com/watch?v=yr57aGl-uRw&ab_channel=Bee40tona)

<sup>14</sup> Ver em: [https://www.youtube.com/watch?v=Y1a3WLbbmM&ab\\_channel=BiancaDellaFancy](https://www.youtube.com/watch?v=Y1a3WLbbmM&ab_channel=BiancaDellaFancy)

<sup>15</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/@academiadedrags>

- Cena 4. A CATEGORIA É: BATEKABELLO, BATEKOO E BATEBOKA
- Cena 5. A CATEGORIA É: FACE
- Cena 6. A CATEGORIA É: LIPSYNC
- Cena 7. A CATEGORIA É: REALIDADE
- Cena 8. RESULTADO FINAL

#### **5.4 CADA CENA UM CLOSE BAPHONICO, FARAÔNICO, MESOPOTÂMICO, LACRÔNICO, DIVÔNICO, DIASPÓRICO, TUPI- GUARANÍTICO, SAMBÁSTICO E AVASSALADOR**

Para falar sobre o processo criativo de cada cena, seguirei a ordem do roteiro exposto no subcapítulo anterior. Partindo disso, também serão trazidas breves definições das categorias da cultura *Ballroom* que correspondem às cenas da encenação. Os títulos das cenas serão apresentados também como títulos dos itens. As cenas inspiradas em categorias da cultura *Ballroom* apresentarão a categoria correspondente no subtítulo.

A estrutura de exposição das cenas, neste capítulo, será organizada da seguinte forma: primeiro utilizarei as falas dos apresentadores Natasha Caldeirão de Albuquerque Pampi de Gaspari e Ariel Vêkanandre Stephany Smith Bueno de Ha Ha de Raio Laser de Bala de Icekiss, para introduzir a cena e presentificar a atmosfera pensada e proposta para a encenação.

Depois, apresento a definição da categoria correspondente na cultura *Ballroom* seguida de sua utilização nas cenas de O BAILE CÚIER. E em toda a exposição, irei mobilizar minhas referências, pesquisadas durante o processo de criação junto da revisão das diretrizes metodológicas presentes no projeto deste *Trabalho de Conclusão de Curso* e também minhas reflexões.

##### **5.4.1 Cena 1. INTRO**

A abertura da encenação O BAILE CÚIER se dá com poses dos apresentadores Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão, enquanto o público se organiza no espaço. Ao perceber que todos estão acomodados, a sonoplastia inicia o instrumental da música *911* de Lady Gaga, para a performance de entrada dos apresentadores.

Após, ainda sobre a mesma música, os apresentadores Ariel e Natasha fazem uma saudação e introdução do que vem a ser O BAILE CÚIER ao público, seguido do chamamento de cada uma das Casas para suas respectivas performances de entrada. Primeiro é chamada a Casa Pantera, composta por Burnin Pantera e Divonna Pantera que performam a música *Sissy That Walk* de RuPaul:



**Ariel Vêkanandre:** (para o público pedindo engajamento) Espero que tenham trazido as colas da lace na bolsa, pois hoje as perucas irão voar, manas!

**Natasha Caldeirão:** Vocês estão sentindo, o instinto selvagem aguçado? Com vocês, representando a Casa Pantera: Burnin e Divonna!

*Casa Pantera entra pela seu portal e performa um trecho da música Sissy That Walk*

A seguir temos a performance de entrada da Casa Montilla, representada por Banks Montilla e Pussyvinny Montilla que performam a música *Jealous of My Boogie*, também de RuPaul:



**Natasha Caldeirão:** (para os competidores provocando) Vindas direto de sua cobertura no Leblon. Elas trazem consigo suas jóias de família.

**Ariel Vêkanandre:** Servindo tesão, brilho e carisma dos pés à cabeça. Com vocês, Pussyvinny e Banks, da Casa Montilla.

*Casa Montilla entra pela seu portal e performa um trecho da música Jealous Of My Boogie*

Essa cena foi pensada para apresentar ao público, os dois apresentadores e os quatro competidores e introduzir como eles se organizam enquanto estrutura dinâmica.

#### 5.4.2 Cena 2. A CATEGORIA É: CINCO ELEMENTOS A CATEGORIA É: VOGUING



**Natasha Caldeirão:** (para o público explicando com glamour) Essa categoria surgiu na década de 80 em New York, se popularizou no início da década de 90 e até hoje nos inspira.

**Ariel Vêkanandre:** (para o público explicando com glamour) Seja imitando poses de modelos em capas de revistas, estrelas clássicas de Hollywood ou hieróglifos egípcios, os competidores devem mostrar precisão em seus movimentos para derrotar seu adversário, com beleza e atitude!

**Natasha Caldeirão:** (para o público e para os competidores provocando e com muito glamour) E agora, nossos competidores precisam apresentar suas habilidades nos cinco elementos do voguing, que são: hands, catwalk, duckwalk, floor performance e spins and dips.

Na dança voguing as participantes se apresentam com movimentos retos, gestos precisos e passos firmes com elementos coreográficos da dança voguing, como posar para uma foto, caminhadas estilosas e “servindo” um rosto digno de capa da revista *Vogue*, de onde vem seu nome e principal inspiração (SANTOS, 2018, p.18). Ainda sobre algumas características da dança voguing:

Segundo o relato do dançarino e coreógrafo Willi Ninja (1961-2006), em “Paris is Burning”, considerado um dos precursores da Vogue – esta dança mistura pantomima, trejeitos de manuseio de estojos de maquiagem, passos de break, movimentos de ginástica, hieróglifos do Egito antigo, desfile de moda e imagens de poses de revistas, articulando linhas corporais sinuosas ou retilíneas e posições rebuscadas. Segundo Willi Ninja, o nome da dança foi tirado da revista “Vogue”, porque alguns dos passos são das poses que vemos na revista. (Paris is Burning, LIVINGSTON apud BERTE; MARTINS, 2014, 869)

A categoria de voguing, na dramaturgia da encenação O BAILE CÚIER recebe o nome de *CINCO ELEMENTOS*, fazendo alusão aos cinco elementos da dança voguing expostos por Natasha Caldeirão. A cena 1, inicia com o instrumental do remix da música *Break my Soul* da Beyoncé, que possui o *sample* da música *Vogue* da Madonna, por ela, inicia a disputa entre as casas Pantera e Montilla que acontece através de uma batalha coreografada de voguing.



No momento seguinte, a batalha coreografada continua, porém com o instrumental original da música *Break my Soul* da Beyoncé, junto de interpolações de áudios com frases repetitivas que colocam em cena uma figura masculina opressora, homofóbica e violenta. Essa figura, que se integra à cena pelos áudios, também evoca memórias de um garoto impedido de dançar em uma apresentação, de modo insistente pelo pai.

Esses personagens, pai e garoto, foram inseridos na dramaturgia a partir do processo de improvisação com o elenco - que utilizou relatos pessoais - no filme *Billie Elliot* (2000)<sup>16</sup> e o



repertório da dança voguing. Ao fim da cena 1, as casas Montilla e Pantera, com o domínio técnico da dança voguing, adquirido pelo processo de criação, colocam em cena o **sambar**<sup>17</sup> sobre a imposição dos padrões cis heteronormativos.

#### 5.4.3 Cena 3. A CATEGORIA É: PASSARELA A CATEGORIA É: RUNAWAY

**Ariel Vêkanandre:** (para o público com glamour) Senhoras e senhores, e todas as belas almas neste baile, é uma honra apresentar a próxima categoria:

**Natasha Caldeirão:** (para o público com glamour) Passarela!

**Ariel Vêkanandre:** (para o público suspense) E o tema desta noite é:

**Natasha Caldeirão:** (para os competidores anunciando e provocando) ENTÃO, FAIX MELHOR, MONA!!!

**Ariel Vêkanandre:** (para o público lacrando) Fechem suas redes sociais, hoje estamos distribuindo bloqueios! Vamos ver se as nossas casas vão ter peito para servir uma reinvenção de looks de grandes ícones.

**Natasha Caldeirão:** (para os competidores, provocando) Fiquei sabendo que nossa colmeia está polvorosa, zzzzzzzzz.

<sup>16</sup> Billy Elliot é a história triunfante e comovente de um menino de 11 anos de uma família da classe trabalhadora que descobre uma paixão pela dança que mudará a vida dele e de sua família para sempre. Segundo bio no Google Play. Disponível em:<

[https://play.google.com/store/movies/details/Billy\\_Elliot?id=AfNRd3hdpiY&hl=pt\\_BR&gl=US](https://play.google.com/store/movies/details/Billy_Elliot?id=AfNRd3hdpiY&hl=pt_BR&gl=US)>

<sup>17</sup> Gíria usada pela comunidade cúier para definir o ato de afrontar ou arrasar em determinada situação desafiadora.

**Ariel Vêkanandre:** Certamente a Casa Montilla vai infestar o palco de abelhinhas.

**Natasha Caldeirão:** (para o público pedindo engajamento) - E parece que como boas material girls, não esperamos nada menos que diamantes da Casa Pantera!

**Ariel Vêkanandre:** Elas vão entrar tacando fogo, na roupa!

**Natasha Caldeirão:** (para o público ) Hoje o hate se transforma em ação!

**Ariel Vêkanandre:** (para os competidores alertando) Lembre-se, na categoria da passarela, não se trata apenas de roupas; trata-se de atitude, confiança e maneira de se portar.



Na cultura *Ballroom*, a categoria *Runway* exige que as competidoras desfilem sua criatividade, estilo e habilidades de moda, criando propostas de roupas de luxo que seguem um tema específico. Além disso, os looks criados também referem a apropriação dos corpos negros e latinos cúiers sobre a moda da

alta costura mundial. Esta referência e apropriação são fundamentais na cultura *Ballroom*, pois a maioria dos nomes das *Houses* reproduz o nome de grandes marcas de luxo, como a *Haus of Balenciaga*, *Haus of Gucci* e *Haus of Vercace*.

Em O BAILE CÚIER, a concepção dos figurinos, na cena *PASSARELA*, foi desenhada por mim, a partir da referência de bonecas de papel. Destaco a minha prática de desenho e habilidade que tenho para trabalhar artisticamente com diversos materiais visuais.

Deste modo, unindo a referência inicial das bonecas de papel, com a alta costura e o baixo orçamento, utilizei materiais como papelão, E.V.A, cartolina, papel laminado e cola quente.

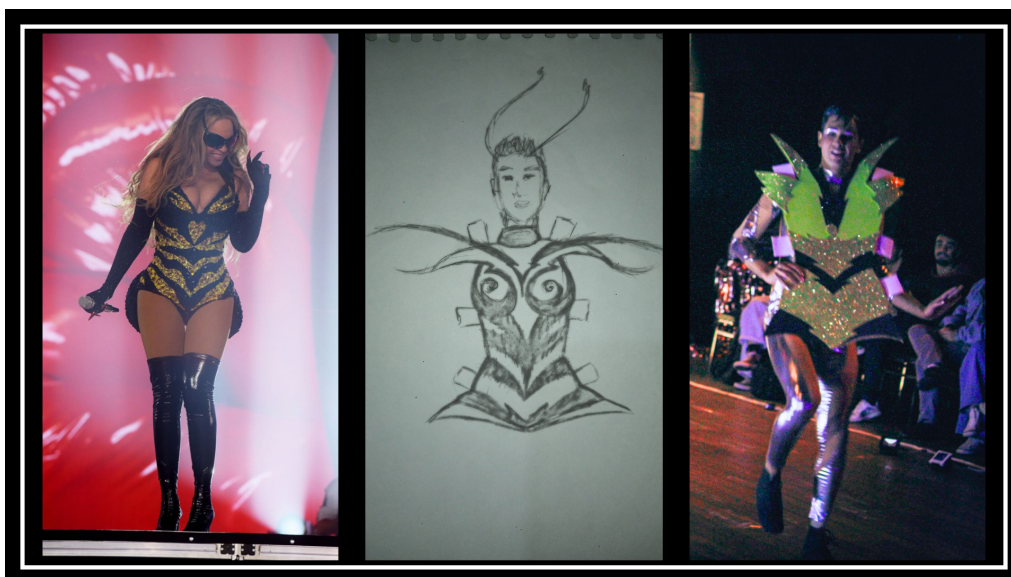
Tal definição poética potencializou o tema da



categoria *PASSARELA*. Nas palavras de Natasha Caldeirão: *ENTÃO FAIX MELHOR, MONA!* O desafio proposto por Natasha aliado ao material utilizado na criação dos figurinos, além de ironizar o comportamento insaciável das fanbases<sup>18</sup> em sempre cobrar, comparar e rivalizar divas pop, também critica a pouca ocupação de corpos cúiers negros e latinos em diferentes esferas da alta costura. Sendo assim, as casas Pantera e Montilla vestem figurinos inspirados em looks icônicos de Madonna e Beyoncé criados em materiais diversos que se tornam alta costura a partir da concepção da cena e seus elementos constituintes, entre eles o trabalho técnico dos atores e a atriz que sustentam suas personagens em seu *catwalk*.



<sup>18</sup> Expressão em inglês para comunidade de fãs de artistas pop.



Quanto à estrutura dramática, na primeira parte da cena, os integrantes das casas brincam com roupas “masculinas” de cor azul e “femininas” da cor rosa. Com isso, a cena expressa de modo irônico a ideia padrão cis heteronormativa de que existem cores, roupas e brinquedos específicos relacionados ao gênero, sexualidade. Segundo Pocahi, Silva e Silva (2022):

[...] brinquedos, roupas e objetos infantis ganharam uma divisão de cores que deixa claro para qual público estão destinados em sua produção, estereotipando seus usos e possibilidades no contexto da infância. Se meninos querem ganhar cozinhas, casinhas ou panelinhas, dificilmente encontrarão em outro tom além do rosa, já que se acredita que brincadeiras com fins domésticos são destinadas às meninas, que gostam ou usam apenas rosa. Se meninas querem bolas ou jogos de ação, encontrarão apenas na seção de brinquedos “de meninos” que, por sua vez, estará na parte azul das lojas. (p.50-51)

Ao sustentarem os diferentes looks, os integrantes das casas Pantera e Montilla também reivindicam e ocupam o espaço de auto afirmação de suas performatividades cúiers e todas as intersecções possíveis aos nossos corpos no universo da moda, entre elas destacou a imposição da binariedade, a exclusão social dos corpos dissidentes e a segregação racial.

#### 5.4.4 Cena 4. **A CATEGORIA É: BATEKABELLO, BATEKOO e BATEBOKA** **A CATEGORIA É: BATE CABELO e BATEKOO**

A cena 3, diferentemente das demais, utiliza duas categorias da cultura *Ballroom* brasileira. Assim, a disputa entre a Casa Pantera e a Casa Montilla se faz não por uma mesma categoria, mas sim entre categorias distintas. A cena é criada e apresentada como três rounds de boxe. Para criar essa atmosfera, entra a música *Eye of the tiger* da banda Survivor as placas com os números dos rounds. Os dois primeiros rounds são disputados por Banks e Pussyvny, da Casa Montilla, representando o Batekoo e Burnin e Divonna, da Casa Pantera, o *Bate cabelo*. Começaremos pelo primeiro round, que traz o Bate cabelo:

**Ariel Vêkanandre:** A Casa Pantera nos servirá toda sua desenvoltura pescoçal com a categoria BATEKABELLO!

**Natasha Caldeirão:** Será que eles vão dar orgulho para a lendária Márcia Pantera?

A expressão se refere a uma performance em que a drag queen dança vigorosamente e balança suas madeixas de forma dramática e frenética, muitas vezes com movimentos rápidos e exagerados da cabeça destacando os cabelos - ou a picumã<sup>19</sup>.

O *Bate cabelo* começou a se difundir em performances de outras drag queens nacionais a partir da década de 1980, em boates noturnas. Atualmente, o sucesso se expandiu de modo que, o *Bate cabelo*, se tornou comum também em performances de drag queens internacionalmente, como é mostrado durante os momentos de *Lipsync* do *reality show Drag Race*.

Nas palavras de Márcia Pantera, sua performance capilar surgiu quando:

Minha tia trançou meu cabelo, desmontou a tira (de uma peruca) e costurou todinha na minha cabeça. Na época a gente falava que era aplicado. Foi vindo, jogando o cabelo para lá e pra cá. Foi quando eu conheci o Herchcovitch. Eai o Alê (Herchcovitch) falou assim: “Nossa, sua peruca não cai não?”. Aí eu falei “Não é peruca! É costurada na minha

<sup>19</sup> Expressão advinda do dialeto pajubá, que significa peruca.

cabeça”. Aí eu fui acomodando também os rockeiros. E jogava pras bixas, jogava para trás e aí foi nascendo essa Marcia. E o Herchcovitch falou “você tem que fazer mais isso!”. E aí comece a acomodar esse *Bate cabelo*, depois foi ficando mais forte, mais forte. Por isso eu sou a criadora e precursor do *Bate cabelo*. (PANTERA, 2022)

Em O BAILE CÚIER, buscamos homenagear as duas categorias criadas em solo *tupiniqueen*<sup>20</sup>, o *Bate cabelo* e o *Batekoo*. A primeira é apresentada ao público pela Casa Pantera - como era de se esperar - no primeiro round de uma batalha de dança inspirada em lutas de boxe.

**Ariel Vêkanandre: Já a Casa Montilla, vai colocar o cuzaum pra jogo, com o Batekoo!**

O *Batekoo* se tornou desde 2014 uma expressão popular na cultura cúier brasileira e originalmente se refere a um tipo de festa ou evento criado por pessoas negras que se reúnem para dançar, se divertir e celebrar a existência cúier negra periférica. O termo é uma contração de "bate cabelo" e "cu".

A dança *Batekoo* surge nessas festas partindo da junção de diversos ritmos musicais que variam de acordo com a sua localidade. Segundo Wesley Miranda (2017), um dos criadores da festa *Batekoo*. Na Bahia, por exemplo, é influenciada pelo *kuduro*, já no Rio de Janeiro, pelo *funk carioca* e em São Paulo pelo *dancehall*. Além desses ritmos, é notável a presença de passos do *hip hop*, *funk* e *passinho* em *Balls* brasileiros, onde também é considerada uma categoria específica.

A presença dessa dança na encenação se deu como homenagem e também pelo seu empoderamento, visto que, essa dança surge através de corpos cúiers negros que encontram um lugar seguro para se expressar sem serem recriminados. Nas palavras de Maurício Sacramento:

Acredito que essa dança seja muito libertadora pra elas (mulheres cis), assim como é pra homens gays também. Na *Batekoo*, as minas podem dançar sem ninguém chamá-las de 'vadias'. E os gays também batem o cu no chão sem medo de serem xingados de 'afeminados' —como se ser afeminado fosse algo ruim —, ou coisa do gênero (2017).

Além disso, é necessário reforçar que a presença da categoria *BATEKOO* se dá pela potência de uma expressão artística cúier negra e periférica que tem seu valor negado por pessoas racistas que ignoram e tentam abafar quaisquer formas de

<sup>20</sup> Expressão estilizada por Grag Queen na apresentação do reality show *Drag Race Brasil* que une “tupini” da palavra “tupniqueim” e “queen” em referência a “drag queen”.

expressão que desviam dos seus padrões brancos acético e elitistas. Desse modo ainda, o *BATEKOO*, assim como a cultura *Ballroom*, representa a transgressão desses padrões, a diversidade.

O terceiro round tem inspiração no mini desafio chamado de *The Library Is Open* (A biblioteca está aberta) do *reality show Drag Race*, que surge da prática de *throwing shade*, uma atitude de insultar seu adversário com ironia e deboche, buscando colocar o oponente em posição inferior (LAWRENCE, 1990 apud SANTOS, 2018, p.21).



Em O BAILE CÚIER, assim como a comunidade cúier brasileira utilizamos gongar ou xoxar como tradução para a prática do *throwing shade*. Para a drag queen DaCota Monteiro<sup>21</sup>:

Enquanto cultura brasileira, a gente tem uma cultura de ser zueiro, de zuar as pessoas, de dar apelidinho[...] Eu acredito que quanto mais feito para aquela pessoa, particularmente for um insulto, mais engraçado é. Porque você está mexendo com uma particularidade daquela pessoa. Aquela piada foi feita sob encomenda para aquela pessoa e a vivência dela. Por exemplo, as pessoas podem me zoar. A pessoa pode falar sobre os milhares de realities shows que eu participei e que eu perdi absolutamente todos. (MONTEIRO, 2023)



Nossa maior preocupação em adentrar nessa prática, foi nos distanciarmos de ofensas que ferem a identidade de cada pessoa ou figura-personagem. Desse modo, diferente do mini desafio *The Library Is Open*, em que as congadas são improvisadas - e pelo fato de

<sup>21</sup> Ver em: [https://www.youtube.com/watch?v=nuBrUfqrDk4&t=307s&ab\\_channel=DaCota](https://www.youtube.com/watch?v=nuBrUfqrDk4&t=307s&ab_channel=DaCota)

O BAILE CÚIER ser uma encenação - escrevemos o texto de nossas gongadas, a partir de várias conversas e constantes reescritas. Nelas, são colocadas mais a ironia e deboche acerca das situações referentes ao acontecimento teatral. Nas palavras de DaCota Monteiro, gongar não significa passe livre para cometer violências:

[...] Agora, você recebe a oportunidade de me zoar e você zoa o fato de eu ser uma pessoa negra, você zoa meu cabelo, você zoa meu nariz negroide, você zoa o fato de eu ser uma pessoa gorda etc. Significa que a única coisa que você enxerga em mim é isso. E que você enxerga isso, como uma coisa risível. (MONTEIRO, 2023)

#### 5.4.5 Cena 5. A CATEGORIA É: FACE A CATEGORIA É: FACE

**Natasha Caldeirão:** (explicando para o público) Voltamos com uma categoria que é pura elegância.

**Ariel Vêkanandre:** (explicando para o público) Esta noite, temos o privilégio de testemunhar nossas casas transformando seus rostos em figuras renascentistas, esculpidas em perfeição.

**Natasha Caldeirão:** (explicando para o público) Cada pincelada é uma expressão de seu estilo e visão únicos. Servindo um rosto deslumbrante e impecável.

**Ariel Vêkanandre:** (alertando para os competidores) Não vale apenas ter uma maquiagem perfeita; é sobre a confiança, carisma e carão!

**Natasha Caldeirão:** (provocando e lacrando para os competidores) Vamos botar a cara no sol, querida?

A categoria "Face" é uma das categorias de competição que se concentra na habilidade dos competidores de apresentarem uma expressão facial cativante e memorável com seus movimentos e gestos que buscam realçar e valorizar os seus traços faciais. No *reality show* *Legendary* (2020-2022) é dito que nessa categoria os competidores precisam apresentar de modo exuberante seus dentes, olhos, nariz e pele e estrutura óssea facial.

Em nosso BAILE CÚIER, a cena *FACE* começa





com a voz em off da palavra *face*, que é o início da música *Face/Look at that* de Be3k. Ao mesmo tempo entra a iluminação dos portais, para a entrada de Divonna Pantera e Banks Montilla, cada uma segurando uma *ring light* presa a um celular conectado à internet. Divonna Pantera direciona a câmera de seu celular para a entrada de Burnin Pantera e Banks Montilla faz o mesmo para a entrada de Pussyvinny Montilla. Esta mesma cena é projetada em tempo real no telão entre os dois portais, sendo feita a projeção de cada celular em uma moldura distinta, como vemos ao lado:

O enquadramento das duas câmeras tem uma estrutura em que a cena começa do seguinte modo: Banks Montilla fecha com um super zoom no rosto de Pussyvinny Montilla e Divonna Pantera com um plano mais aberto em Burnin Pantera. Pussyvinny Montilla e Burnin Pantera começam a preparação da pele, aplicação da base, corretivo e contornos, aplicação da sombra e cílios nos olhos e passagem de batom, enquanto é projetado seus “tutoriais” simultaneamente no telão do palco. A escolha pela estrutura de tutorial se dá pois embora o universo da maquiagem seja

reconhecido pelo senso comum heteronormativo como campo das mulheres e do feminino ganha novos contornos no YouTube. Apesar da preponderância de mulheres como produtoras de tutoriais de maquiagem, alguns jovens rapazes vêm se destacando nesse campo. [...] Eles rompem assim com limites cis heteronormativos em relação ao campo da maquiagem e do corpo: são jovens maquiadores que se maquam em frente às câmeras para ensinar mulheres a se automaquiarem (mas há também tutoriais destinados a maquiagens masculinas), o travestimento pode acontecer, mas não é recorrente. (BERTOLOTTI; MEDEIROS, 2019, p.164-165)



Em O BAILE CÚIER, os “tutoriais” são interrompidos por sons em off de batidas em uma porta de madeira, insistentes e violentos. Na dramaturgia, essas batidas atuam como vozes do real que geram desespero nos quatro competidores, eles assustados procuram espaços para fugir.

Não conseguem. Após as batidas, eles se restabelecem e continuam a maquiagem, porém, são novamente interrompidos pelas mesmas batidas, agora mais violentas. Dessa vez, as batidas são seguidas de uma voz masculina, opressora, homofóbica e violenta que diz: “Ei, a gente vai se atrasar! Por que essa porta tá trancada”. Novamente, o desespero dos competidores das casas se presentifica com as câmeras e corpos desorientados no pequeno espaço. A cena continua e mais uma vez o ato de maquiar-se diante câmera sofre interrupção, as batidas, desta vez, são ainda mais intensas, e a voz masculina ainda mais agressiva.

Na quarta interrupção, retornam apenas a interrupção das batidas, mas agora são seguidas por uma voz cúier que avisa que está na hora de entrar no palco para arrasarem. A fala reverbera em uma sensação de alívio entre os integrantes para concluir seus tutoriais e maquiagens. Assim, Burnin e Pussyvnyy apresentam seus perfeitos rostos ao público, com gestos e expressões que realçam seus traços faciais.

*A Cena 5. A CATEGORIA É... FACE* foi uma das últimas que foi produzida, pois demandava produção tecnológica para o funcionamento da captura de imagem ao vivo, fluxo de internet em tempo real, equipamentos e cabos para a projeção. Antes dessa concepção que envolve a captura e a projeção de imagens do palco ao vivo, experimentamos outros recursos de criação de cenas que construísem a inquietação e o desespero nos momentos de interrupção do ato de maquiar-se, interrompido pelas batidas na porta.



Na primeira versão sem as câmeras e projeção simultânea, após cada batida os atores e a atriz corriam pelo marcações por diversos pontos do palco, o que deixava a dinâmica da cena criada sem atuação do digital. Ao limitar o espaço de atuação dos atores - reduzidos a cerca de 2m<sup>2</sup> - e inserir a câmera e a projeção ao vivo, foi possível concentrar as ações em um espaço pequeno e que, para mim, remete ao espaço de um quarto ou camarim, ambos são espaços privados e seguros, embora o quarto também seja um esconderijo.

Destaco um feedback que tive de alguém da plateia que se alinha com a ideia criada para esta cena. Uma pessoa cúier que assistiu ao primeiro dia de apresentação no dia 27 de setembro. Para essa pessoa, a cena despertou lembranças de quando se maquiava escondida em seu quarto por medo da reação de seu pai se a pegasse fazendo algo que extrapola as expectativas de gênero que eram impostas sobre seu corpo pela sociedade. Para outras pessoas que também estavam na plateia de O BAILE CÚIER, tal cena despertou lembranças semelhantes de opressão, dentro e fora do universo cúier.

#### 5.4.6 Cena 6. A CATEGORIA É: LIPSYNC A CATEGORIA É: LIPSYNC

**Natasha Caldeirão:** Vocês estão sentindo?

**Ariel Vêkanandre:** Eu estou!

**Natasha Caldeirão:** A categoria agora é Lipsync!

**Ariel Vêkanandre:** Nessa categoria, nossos competidores irão apresentar todas as suas habilidades labiais e faciais para nos presentear com incríveis performances!

**Natasha Caldeirão:** Nossos jurados estarão atentos a cada sílaba mostrada pelos lábios dos nossos competidores!

*Lipsync* (ou *lip-sync*) é uma abreviação para *synchronized lip movements*, que em português significa “movimentos labiais sincronizados”. Na cultura drag, o lip sync é uma performance na qual um artista ou drag queen dubla, movendo os lábios de acordo com a letra e a melodia de uma música. Esses artistas podem usar essa técnica para entreter o público, expressar emoções e contar histórias por meio da música escolhida.



Essa expressão se tornou popular na cultura drag por volta dos anos 1970 e 1980, especialmente nos clubes noturnos e bares LGBTQIAP+. Nesses espaços, ocorrem concursos de *Lipsync* que inspiram o *reality show Drag Race*. Nele, a performance das drags no *Lipsync* define quem

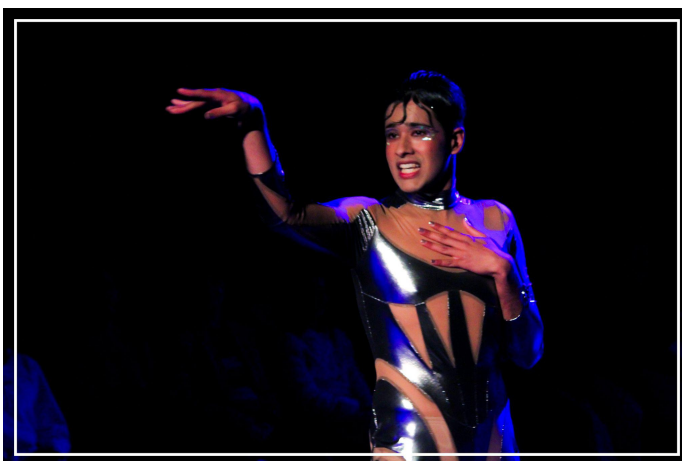
recebe o *Shantay, You Stay* e continua na corrida para conquistar o título de *Next*

*American Drag Superstar* (Próxima Drag Superstar Estadunidense) e quem será eliminada recebendo o *Sashay Away* da Rupaul (DO CARMO; MIRANDA, 2021, p.2).

As expressões *Shantay, You Stay* e *Sashay Away*, apresentadas no parágrafo anterior, são utilizadas por *Rupaul* em seu *reality* para salvar ou eliminar uma das drags que batalharam no *Lipsync for your life* - ouve-se o eco na voz da Rupaul - e foram



inspiradas na cultura *Ballroom*, como mostra o documentário *Paris is Burning* (1990). Ambas as expressões também são referenciadas em O BAILE CÚIER, porém de modo traduzido e com apropriação de um meme produzido a partir da versão dublada em português de Portugal do *reality show Drag Race* em que o *Sashay Away* é transformado em *Vai te embora, ninguém te adora!* e o *Shantay, you stay*, em *Shantay, fica gay!*.



Na encenação, o *Lipsync* é presentificado na cena de mesmo nome, em que cada membro das Casas Pantera e Montilla deve apresentar de modo individual, a sua música de um grande ícone cúier brasileiro, previamente ensaiada. As músicas foram apresentadas da seguinte forma,

Banks Montilla apresentou *Vira*<sup>22</sup> na voz de Ney Matogrosso, Pussyvinny Montilla apresentou *Rajadão*<sup>23</sup> na voz Pablo

<sup>22</sup>RICARDO, João Ricardo. LULI. *Vira*. In. MATOGROSSO, Ney. **A Arte de Ney Matogrosso**. Universal Music, 2015. CD digital. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=wzubktV5E8l&ab\\_channel=NeyMatogrosso-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=wzubktV5E8l&ab_channel=NeyMatogrosso-Topic)>.

<sup>23</sup> BISPO, Pablo et al. *Rajadão*. In. VITTAR, Pablo. **111**. Sony Music Entertainment, 2020. CD digital. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=0uphunJNohY&ab\\_channel=PabloVittar](https://www.youtube.com/watch?v=0uphunJNohY&ab_channel=PabloVittar)>.

Vittar, Burnin Pantera apresentou *Brasil*<sup>24</sup> na voz de Gal Costa e Divonna Pantera apresentou *Tanto Faz*<sup>25</sup> na Urias.

Exponho que a escolha das músicas foi feita por mim para celebrar importantes artistas cúiers do Brasil, buscando abranger uma ampla representatividade de gêneros e sexualidades, além de valorizar diferentes gerações artísticas cúiers. Além disso, é inegável os conteúdos trazidos por elas, como a primeira parte da música *Rajadão* que ironicamente remete a músicas gospels, criando uma tensão entre um corpo cúier - de Pablo Vittar - e o fundamentalismo religioso. Outro conteúdo proposto pela escolha das músicas, é a de *Vira* de Ney Matogrosso, em que o uso cômico da expressão homofóbica “vira homem”, no período da ditadura militar no Brasil, representa virar um monstro, uma criatura raivosa, primitiva e violenta.

É necessário dizer que, nos dias 27 e 28 de setembro, foi sorteada apenas uma música de cada Casa. No entanto, no dia 29 de setembro optei por apresentar ao público os quatro *Lipsyncs*, pois compreendi que cada um tinha sua potencialidade e força



específica que não poderia ficar de fora em nenhuma apresentação ao público. Assim como em *Drag Race*, foi enfatizado

o potencial estético de cada apresentação, de maneira que os efeitos de presença agenciam grande parte da maneira como valoramos as drags (do reality show *Drag Race*) nos contextos da dublagem. Isto se acentua quando pensamos que as músicas dubladas são muitas vezes canônicas na cultura pop e trazem memórias afetivas e significações que interagem e são moduladas pelas performances das queens.[...] Não só isso, as dublagens das drags no programa também parecem operar e circular como videoclipes das músicas performadas,

<sup>24</sup> CAZUZA; ISRAEL, George. ROMERO, Nilo. Brasil. In. COSTA, Gal et al. **Focus On... 500 Years Of Brazil**. Sony Music Entertainment, 2001. CD Digital. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Mct\\_dttJxPg&ab\\_channel=GalCosta-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=Mct_dttJxPg&ab_channel=GalCosta-Topic)>.

<sup>25</sup> GORKY, Rodrigo et al. Tanto Faz. In. URIAS. **Fúria**. Mataderos. CD digital. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=-H4UKen\\_ErE&ab\\_channel=UriasVEVO](https://www.youtube.com/watch?v=-H4UKen_ErE&ab_channel=UriasVEVO)>.

acentuando a relevância que estabelecem na cultura queer. (DO CARMO; MIRANDA, 2021, p.2-3)

Inspirados em videocliques da cultura pop, enquanto as dublagens individuais acontecem ao vivo, também são projetados vídeos em que há um plano detalhe na boca de cada integrante das Casas Pantera e Montilla fazendo *Lipsync*. Nesse vídeo, também é apresentada a letra das músicas no estilo Karaoke, propondo ao público uma interação com a cena, através do canto ou até da própria dublagem da música.

Na segunda parte da cena, são selecionados dois competidores para a batalha de dublagem simultânea da música *O Corre* de Jup do Bairro. Como é de se esperar. Durante o *Lipsync*, era projetado no telão o vídeo *Jup do Bairro - O CORRE (Bixurdia Remix - Lyric Video)*. Tal vídeo foi coletado do canal *Pacify Lyrics*, que é muito popular entre as pessoas cúiers, por produzir vídeos com compilado de memes relacionados a letra de músicas da cultura pop.

#### 5.4.7 Cena 7. A CATEGORIA É: REALIDADE A CATEGORIA É: REALNESS

**Ariel Vêkanandre:** (para o público com deboche) Chegou a hora da categoria de realidade e hoje nossos competidores servirão profissões.

**Natasha Caldeirão:** (para o público alertando) Essa categoria não se trata apenas sobre aparência; mas sim representar a essência de sua referência.

**Ariel Vêkanandre:** Nossa categoria de realidade tem como tema:

**Natasha Caldeirão:** O que você quer ser quando crescer?



O termo *Realness* é utilizado para definir o máximo de ilusão que os competidores da cultura *Ballroom* devem alcançar em determinadas categorias. Dessa forma, os competidores devem interpretar padrões muito definidos pela sociedade, podendo ser desde masculinidade ou feminilidade até profissões.

Na cultura *Ballroom*, segundo Dos Santos e Scudeller (2020, p.9), ao colocar o *Realness* nas categorias os competidores não podem desviar ou deixar “escapar” falhas dissidentes em sua representação.

Além disso, notamos uma dimensão que perpassa não somente as condições econômicas e sociais dos personagens, mas também, e principalmente, que as imagens e o imaginário relacionados a essas condições são intensamente atreladas às lógicas de consumo. Nesse sentido, entendemos algumas categorias dos balls que se referem especificamente a representações de classe, como homens de negócios, socialites e modelos, como uma estratégia de acesso simbólico a posições sociais negadas a esses corpos subalternizados na partilha do sensível tal como está dada fora da cultura *Ballroom*. Nessas categorias, qualquer corpo pode acessar lugares sociais de sucesso e prestígio, desde que, reiteramos, performatize conforme as representações hegemônicas. Ou seja, não é preciso ter, de fato, sucesso, desde que seja capaz de se criar a ilusão do sucesso emulado nas representações que circulam no mainstream. (DOS SANTOS; SCUDELLER, 2020, p.14)

As categorias ligadas ao *Realness* podem estar relacionadas à capacidade de se performar determinados padrões sociais de modo a passar despercebido em situações cotidianas. O que acontece nos *Ballrooms*, nessa categoria, é a exposição do caráter performático da sexualidade e do gênero que é percebido, principalmente a partir da aparência corporal, performatividade e vestuário (SANTOS, 2018, p. 39).

*Realness*, então, refere-se às categorias onde o competidor deve “apagar” de sua performance qualquer traço que demonstre algum grau de desvio de gênero ou sexualidade daquilo que consta como aceitável dentro da sociedade cis heteronormativas. Almeja-se, portanto, uma performance onde o indivíduo não seria diferenciado do resto da sociedade cis heteronormativas, e, portanto, não seria tratado como desviante e afins. Por exemplo, entre as categorias *Realness*, existe a *The Athletic Man* onde o júri deve olhar para o competidor e enxergar ali nada mais do que um indivíduo atleta que está conforme às regras cis heteronormativas da sociedade a qual faz parte. Já a categoria *Femme Queen Realness* requer que o competidor dê uma impressão “real” de ser uma mulher, ou seja, a competidora deve apagar qualquer traço que lembre ao júri que ela não é uma mulher cisgênero, ou seja, que esse indivíduo não seria apontado como transgênero no mundo exterior ao *Ballroom*. (SANTOS, 2018, p.40)

Dessa forma, a participação da categoria *Realness* funciona como um treino para os membros da cultura *Ballroom* testarem sua passabilidade na sociedade cis heteronormativas. Essa possibilidade é usada como forma de proteção,

principalmente, para pessoas transexuais que ao exercer com perfeição os padrões ao gênero o qual se identifica pode passar despercebida entre as pessoas cisgêneras e dessa forma, visaria a diminuição violência física ou mental (SANTOS, 2018, p.49).

Em O BAILE CÚIER a categoria *Realness* potencializa a *cena 7. A CATEGORIA É: REALIDADE* que tem como tema "O que você quer ser quando crescer?". O tema parte da ideia impositiva de que existem trabalhos específicos relacionados ao gênero, sexualidade e raça. Desse modo os integrantes das Casas Montilla e Pantera devem apresentar com o máximo de realidade algumas profissões.

Na encenação utilizamos essa premissa de maneira que as figuras-personagens interpretadas por três atores, pessoal e socialmente reconhecidos pelo gênero masculino, apresentassem profissões socialmente impostas e compreendidas como másculas e viris. Desse modo, as representações acontecem da seguinte forma: Pussyvinny está de mecânico, Burnin Pantera está de policial e Banks Montilla de bombeiro.



Na primeira parte de cada apresentação, os três atores interpretam suas profissões de modo socialmente sexualizado, estereotipado e vulgar, enquanto são recebidos com comentários grotescos e indecentes que relacionam a atuação com atos sexuais. Quando os concorrentes chegam em frente ao palco e muito próximos dos apresentadores, todos são totalmente contaminados pelas performatividades cúiers que transgridem os padrões de comportamento impostos pela cis heteronormatividade. Nesse momento, Banks, Burnin e Pussyvinny, fazem uso de caminhadas afetadas e sexualizadas, elementos do voguing, do deboche e ironia ao voltarem aos seus portais.



A seguir é exposto alguns comentários feitos pelos apresentadores as representações das profissões másculas e viris:

#### **MECÂNICO- PUSSYVINNY**

**Natasha Caldeirão:** Vem dar uma olhadinha no meu capô.

**Ariel Vêkanandre:** Posso te ajudar na chupetinha?

**Natasha Caldeirão:** Bate no meu capô, com força!

**Natasha Caldeirão:** Deixa eu passar essa tua marcha!

#### **POLICIAL- BURNIN**

**Natasha Caldeirão:** Que distintivo de respeito.

**Ariel Vêkanandre:** Vai, aponta essa pistola pra mim!

**Natasha Caldeirão:** Aiii, eu me rendo!

**Ariel Vêkanandre:** Me arromba assim também!

**Natasha Caldeirão:** Me chama de bandida, e me bota na parede!

**Ariel Vêkanandre:** Deixa eu lamber essa pistola!

#### **BOMBEIRO- BANKS**

**Ariel Vêkanandre:** Tá pegando fogo?

**Natasha Caldeirão:** Chama o bombeiro!

**Ariel Vêkanandre:** Que mangueirão é esse?

**Ariel Vêkanandre:** Ai que calor!

**Natasha Caldeirão:** Me faz gritar igual sirene...

**Ariel Vêkanandre:** (grito sirenístico)

Tais comentários entram na encenação partindo de dados do real sobre discursos de teor assediador e violento, proveniente da cultura machista em que vivemos. A personificação dessas atitudes estão representadas aqui pelas profissões socialmente aceitas como másculas e viris. O que fazemos é inverter a lógica, ampliar e repetir o comportamento não aceito que direcionam a criação da cena para uma ironia que intenciona provocar algum estranhamento e reflexão sobre os padrões impostos.



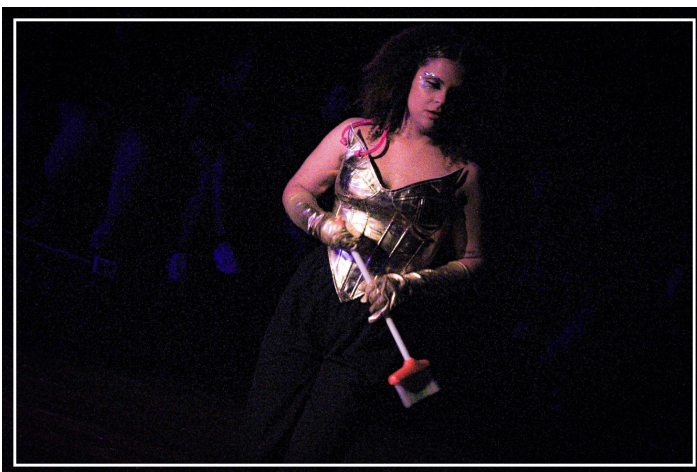
Essa ironia se faz risível pelo modo como foi construída a relação da atuação dos competidores com os comentários dos apresentadores. Além disso, todos os participantes e até mesmo público tornam-se cúmplices dessa comicidade,

que parte de textos esdrúxulos e violentos coletados a partir de dados do real.

O mesmo não acontece durante a apresentação de Divonna Pantera que representa a profissão de médica. Divonna compartilha de características de uma atriz que se reconhece como mulher negra bissexual. Tais características relacionadas a profissão de médica, bem como os comentários feitos durante a atuação acrescentam novos conteúdos à cena e não poderiam ser ignorados.

Para falar sobre Divonna nessa cena, é importante dizer que inicialmente a encenação contava apenas com pessoas que se reconheciam com o gênero masculino e por isso, toda a pesquisa, coleta e processo de criação das primeiras profissões para essa cena foram de mecânico, policial, bombeiro, juiz e pedreiro e foram pensadas de acordo com o que já foi exposto nos parágrafos anteriores.

Com a chegada da atriz Victória Leal, em agosto de 2023, percebemos juntos, que ao optarmos pela inserção de Divonna na disputa da *cena 6. A CATEGORIA É... REALIDADE*, estaríamos adentrando outros conteúdos que não constavam no projeto de TCC e na dramaturgia da encenação. E agora, vêm a



tona e entram em cena outros conteúdos que também estão presentes na hegemonia cis heteronormativas, que não tinham sido abordados anteriormente. Isso fica evidente quando os comentários escritos para essa cena, que seria atuada só por corpos masculinos, quando atuada por uma mulher, traz à tona um teor violento e misógino sobre o corpo da atriz.

Nos primeiros ensaios com Victória, a partir do diálogo constante com a atriz, optamos em experimentar que o contraste entre o significado dos comentários para os corpos masculinos, e agora sobre um corpo feminino, fossem a principal camada da cena. Desse modo, Divonna representaria a profissão de pedreira e ainda receberia os comentários sexualizados de uma voz masculina em off, e não pela voz dos apresentadores, como acontece para os outros integrantes das Casas Pantera e Montilla. O que muda de fato, nessa nova composição, é a presença do corpo feminino negro, que altera o conteúdo dramático formatado anteriormente.

Mais adiante, na semana anterior aos dias de apresentação, resolvi experimentar uma outra possibilidade para a profissão de Divonna. A ideia era que ela inicialmente entrasse com objetos que reforçam a imposição de padrões misóginos e racistas e que Divonna, deixaria tais objetos e assumiria a profissão de médica ao chegar próximo dos apresentadores, sendo uma dissidência ao machismo e racismo, imposto socialmente sobre seu corpo.

No dia 27 de setembro, optamos por representar a médica com um estetoscópio, desde sua entrada na passarela. No entanto, os outros objetos que representam o padrão social racista, misógeno e machista seriam distribuídos ao público de modo que estivessem no trajeto da sua performance, assim, ela receberia os objetos - socialmente impostos a sua aparência - da platéia, enquanto um áudio com conteúdos misóginos, machistas e racistas, direcionam a sua atuação.

O percurso de Divonna acontecia da seguinte forma: ela entra, ouve da voz em off “chegou o elevador de serviço” ao mesmo tempo ela pega uma vassoura. O próximo áudio “você tem que se arrumar mais” e ela arruma a roupa e pega um espelho na bolsa. Ao final o áudio diz “arruma esse cabelo” e ela pega uma chapinha. E ao chegar próxima dos apresentadores, aí sim, assumiria a função de médica plenamente, desprezando os objetos que representam a imposição dos padrões machistas e racistas.

Ao assistir a cena no primeiro dia, reconheci sua fragilidade quando percebi que o público evitou sentar nas cadeiras que tinham os objetos, inviabilizando a entrega deles para Divonna. A atriz, resolveu a cena pegando tais objetos e os utilizando-os. A dramaturgia criada a partir dessas ações, representaram uma submissão de uma mulher negra às imposições elitistas, misóginas e racistas.

Certamente, não era pretendido tal imagem durante o processo de criação, visto que, reconhecemos a potência do corpo negro em cena, afinal estamos utilizando criativamente a cultura *Ballroom* que foi criada, majoritariamente, por pessoas negras. Avançando nesse sentido, o corpo negro é “uma matriz/corpus de reminiscências de memória coletiva que são evocadas quando o corpo do negro se vê em performance em sua acepção enquanto rito, trabalho performativo ou ação espetacular” (ALEXANDRE, 2017, p. 40 apud SANTOS, 2023, p. 79).

No dia seguinte, expus tais percepções para a atriz Victória Leal e para duas pessoas negras ligadas ao curso de *Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria*, como Diordinis Baierle dos Santos, formado pela instituição citada, e

atual mestrando no *Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul* e a graduanda Andrielle Razeira. Ambos direcionam suas pesquisas para o estudo de práticas teatrais antirracistas e que valorizem e celebrem o *Teatro Negro* (ALEXANDRE, 2017).

Após tal diálogo e respeitando a ponderação de Victória Leal para o dia 28 de setembro, decidi orientar o público para que sentassem nas cadeiras com objetos e aguardassem o momento de entregá-los a Divonna. O que também deixou a cena frágil e insatisfatória, visto que, a atriz, uma mulher negra, ao aceitar os objetos da mão da plateia e não retirá-los das cadeiras, também representava a mulher negra se submetendo a imposição dos padrões elitistas, misóginos e racistas.

Para o último dia (29 de setembro), optei por retirar da cena, todos objetos que representavam a imposição social sobre o corpo da mulher negra. A decisão veio da percepção que entende que independentemente de Divonna pegar os objetos da cadeira ou das mãos da plateia, a submissão estava em cena, e não era esta a minha intenção. Esta decisão, ainda não resolveu a dramaturgia da cena, mas retirou a submissão da mulher negra.

Dessa forma, a entrada de Divonna na *cena 7. A CATEGORIA É... REALIDADE* no dia 29 de setembro, não ocorreu com a



interrupção dos áudios e objetos que expressavam a imposição dos padrões misóginos e racistas. Mas sim, somente com sua atuação como médica enaltecida por comentários feministas, antirracistas e empoderadores feitos por Natasha Calderão e Ariel Vekanadre.

Portanto, os temas evidenciados na cena pela presença da Victória Leal, exigem mais pesquisa e construção dramaturgica. Agrego a isto, a cultura *Ballroom* é uma expressão proveniente da negritude cúier, ao perceber o corpo social da atriz em relação à cena, é urgente a necessidade de aprofundar meus estudos, a pesquisa e reflexões - atuais e futuras - sobre as interseccionalidades em um *Teatro*

*Cúier*. Nesse sentido, abre-se espaço para a reescrita desta cena, bem como para estudos teóricos.

#### 5.4.8 Cena 8. RESULTADO

**Natasha Caldeirão:** (para o público sem fôlego) Esse baile está de MATAR ein?!

**Ariel Vêkanandre:** (para o público sem fôlego) E já vou avisando, ele vai deixar muita gente aqui sem fôlego!

**Natasha Caldeirão:** (para o público sem fôlego) Chegou a hora! Anunciaremos as ganhadoras da noite!

**Natasha Caldeirão:** (para o público suspense oscar) Para quem vai a torcida de vocês?

**Ariel Vêkanandre:** Será que para a Casa Montilla?

*Casa Montilla puxa torcida*

**Natasha Caldeirão:** Ou para Casa Pantera?

*Casa Pantera puxa torcida*

**Ariel Vêkanandre:** (entra com a fala de natasha em tom de revelação) Muito bem, muito bem, muito bem, muito bem... estou com o envelope e as ganhadoras são...

Essa cena está configurada como a finalização de O BAILE CÚIER. Nela são apresentados os prêmios e seus respectivos ganhadores. Esse momento foi pensado como uma síntese conclusiva da encenação, pois é o momento de apropriação e celebração das referências cúiers. Cada figura-personagem do elenco ganha uma medalha, que corresponde a apropriação irônica de títulos relacionados a sua sexualidade ou referenciando momentos da própria encenação.

Entre os prêmios e seus respectivos ganhadores estão:

**Ariel Vêkanandre:** O primeiro prêmio será de Melhor Habilidade Labial!

**Natasha Caldeirão:** A ganhadora é...

**Ariel Vêkanandre:** Burnin Pantera!

**Natasha Caldeirão:** Nosso próximo prêmio é de Melhor DJ!

**Ariel Vêkanandre:** A ganhadora é...

**Natasha Caldeirão:** Divonna Pantera!

**Natasha Caldeirão:** Agora, quem será que leva o prêmio de Melhor Cú do Baile!

**Ariel Vêkanandre:** A ganhadora é...

**Natasha Caldeirão:** Pussyvinny Montilla e seu rabão!

**Ariel Vêkanandre:** Nosso próximo prêmio é de Melhor Mangueirão!

**Natasha Caldeirão:** A ganhadora é...

**Ariel Vêkanandre:** Banks Montilla!

**Ariel Vêkanandre:** Estamos chegando aos dois últimos prêmios!

**Natasha Caldeirão:** Vamos ao prêmio de Pintosa do Baile!

**Ariel Vêkanandre:** A ganhadora é...

**Natasha Caldeirão:** Ariel Vêkanandre Sthephany Smitch Bueno de... Ha Ha Ha, de Raio Lazer, de Bala de Icekiss!

**Ariel Vêkanandre:** Nossa última categoria é de Melhor Mamífera!

**Natasha Caldeirão:** A ganhadora é...

**Ariel Vêkanandre:** Natasha Caldeirão de Albuquerque Pampi de Gasparri. Conhecidíssima como a noite de Paris, se casou com o dono da Parmalat, virou mamífera, e agora ela só mama!

Ao final da entrega dos prêmios, Natasha Caldeirão e Ariel Vêkanandre referenciam um meme da socialite Narcisa Tamborindeguy, muito popular dentro da cultura cúier brasileira, em que ela grita em um show sertanejo para que fosse tocado “música pras gays, pras gays”. Nesse momento, cada integrante do elenco pede música para a sua letra dentro da comunidade LGBTQIAP+, mas a discussão se encerra com Ariel pedindo para tocar uma música pras CÚIERS.

Temos um rápido blackout e retornamos com uma performance coreografada de todo o elenco com a música *BIXA* de Oxa, que foi editada por nosso incrível coreógrafo Felipe Soares. A música encerra O BAILE CÚIER com a afirmação contra a imposição dos padrões cis heteronormativos sobre os nossos corpos cúiers.











## 6. O FECHO CÚIER

A partir da construção do projeto, dos laboratórios de ensaio, das três apresentações públicas e formatação deste relatório reflexivo, fica evidente que a cultura *Ballroom* e a imposição dos padrões cis heteronormativos se efetivaram como a base para o processo criativo da encenação O BAILE CÚIER. Tal percepção se prova pelos conteúdos reflexivos sobre a estética, técnica e a potência social produzidos em diferentes esferas relacionadas ao processo, como no público, em mim e nas pessoas que me rodeiam.

Desse modo, reconheço na cultura *Ballroom*, originada em Nova York na década de 1960, não só a estrutura e estética utilizada criativamente nessa encenação, como também a valorizo por suas contribuições sociais. Em seu interior, as *Houses*, se tornam um refúgio seguro para pessoas cúiers negras e latinas que foram e ainda são expulsas do convívio familiar de origem. Sendo nos *Balls*, junto de seus semelhantes a possibilidade para expressar sua identidade de gênero e sexualidade de maneira autêntica e glamourosa.

Em O BAILE CÚIER, realçamos tais características investigando paralelamente as categorias que compõem a estrutura da cultura *Ballroom* e a coleta de dados do real, notícias, relatos reais e ficcionais que expressassem a imposição

dos padrões cis heteronormativos sobre os corpos dissidentes. Essa tarefa, como já era esperado quando pensamos no caráter impositivo dos padrões citados em nossa sociedade, evidenciou certa contaminação deles sobre a cultura *Ballroom*, como na categoria *Realness*, explicada anteriormente.

Além desta, também nos debruçamos e utilizamos criativamente na construção da dramaturgia, outras categorias da *cultura Ballroom*. Trago como exemplos, as categorias de Voguing, *Face* (Rosto), *Runway* (Passarela), *Lipsync*, além de duas categorias criadas nos *Balls* brasileiros e que foram alocadas na *Cena 4. A CATEGORIA É... BATEKABELLO, BATEKOO E BATEBOKA*, sendo elas, o *Bate cabelo* e o *Batekoo*.

A brasilidade de O BAILE CÚIER, não se limita a inserção dessas duas categorias, pois as figuras-personagens que ocupam essa encenação tem seus sobrenomes inspirados em personalidades e memes cúiers brasileiros. Sendo que, a Casa Pantera, formada por Burnin Pantera e Divonna Pantera referenciam a criadora do *Bate cabelo*, Marcia Pantera, enquanto a Casa Montilla, formada por Banks Montilla e Pusyvinnny Montilla, referenciam a *elegantíssima* Silvetty Montilla. Já nossos apresentadores têm seus sobrenomes inspirados por memes do ícone - jamais igualado - Leona Vingativa.

Além disso, na *Cena 6. A CATEGORIA É... LIPSYNC* são apresentadas cinco músicas que representam a diversidade de gênero e sexualidade de artistas brasileiros. As performances aconteceram da seguinte forma: Banks Montilla apresentou *O Vira* de Ney Mato Grosso, Pusyvinnny Montilla apresentou *Rajadão* de Pablo Vittar, Burnin Pantera apresentou *Brasil* na voz de Gal Costa e Divonna Pantera apresentou *Tanto Faz* de Urias. Antes das performances individuais foi performada coletivamente a música *O Corre* de Jup do Bairro em sua versão remixada.

Enfim, gostaria de novamente expressar minha gratidão aos corpos cúiers negros e latinos que criaram a cultura *Ballroom* como forma transgressora aos padrões impostos da cis heteronormatividade sobre os nossos dissidentes. Espero que o processo criativo de O BAILE CÚIER inspire mais artistas cúiers a buscar expressões estéticas, técnicas e sociais que nos representam, assim como eu busquei na cultura *Ballroom*, para construir essa criação teatral cúier.

Portanto, reconheço que O BAILE CÚIER é a celebração dos corpos CÚIERS, não só daqueles que estão em cena, mas também dos que se sentem

representados ao participar dessa experiência. O BAILE CÚIER é uma celebração do que nos formou e nos forma como pessoas CÚIERS. O BAILE CÚIER se faz pela celebração dos corpos que conseguimos construir apesar de toda imposição violenta que nos é colocada desde que nascemos pela cis heteronormatividade. O BAILE CÚIER é sobre celebrar os que vieram antes de nós, não só pelas suas dores, mas pela sua **FORÇA, GLAMOUR e POTÊNCIA ARTÍSTICA**.

E concluo que O BAILE CÚIER é a afirmação e celebração de um **TEATRO CÚIER**, um teatro que pode reconhecer em nossos corpos a potência social, estética e poética na arte. Marcando assim, o começo do meu caminho como artista pesquisador de expressões teatrais cúiers em futuros estudos na pós-graduação, na produção de artigos e, quem sabe, como docente, firmando a minha presença cúier na formação de novos artistas da cena.

## OS REFERENCIAIS ESTÃO OFICIALMENTE ABERTOS

ADAMS, Oliver. Techno Syndrome (Mortal Kombat). In. THE IMMORTALS. **Mortal Kombat: The Album**. Virgin Records, 1994. CD digital. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=EAwWPadFsOA&t=38s&ab\\_channel=LuminousAmbition](https://www.youtube.com/watch?v=EAwWPadFsOA&t=38s&ab_channel=LuminousAmbition)>. Acesso em: 02 de set. 2023.

ALEXANDRE, Marcos Antônio. **O teatro negro em perspectiva: dramaturgia e cena negra no Brasil e em Cuba**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

AMANAJÁS, Igor. Drag queen: um percursos histórico pela arte dos atores transformistas. **Revista Belas Artes**. Ano 7, n. 19. set dez 2015. Disponível em: <<https://www.belasartes.br/wp-content/uploads/2023/05/drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>>. Acesso em: 18 de maio. 2023.

BEE40TONA. **MARCIA PANTERA - A rainha criadora do bate-cabelo abre o verbo #epi23**. YouTube, s.d., 2023. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=yr57aGI-uRw&ab\\_channel=Bee40tona](https://www.youtube.com/watch?v=yr57aGI-uRw&ab_channel=Bee40tona)>. Acesso em: 29 de out. 2023.

BERTE, Odailso. VOGUE: dança a partir de relações corpo imagem. **Dança: Revista do Programa de Pós Graduação em Dança**, v. 3, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/13338>>. Acesso em: 29 de abr. 2023.

BERTE, Odailson; MARTINS, Raimundo. Vogue! Strike a pose! Se posicione! Dançando (com) afetos e imagens. **Anais do VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia-GO: UFG, FAV, 2014. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2014-eixo3\\_vogue\\_strike\\_a\\_pose.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2014-eixo3_vogue_strike_a_pose.pdf)>. Acesso em: 29 de abr. 2023.

BERTOLOTTI, Elisângela; MEDEIROS, Rosângela Fachel de. PASSA DEMAQUILANTE NO TEU PRECONCEITO: TUTORIAIS DE MAQUIAGEM COMO PERFORMANCE QUEER NO YOUTUBE. **Revista Docência e Cibercultura**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 151–176, 2019. DOI: 10.12957/redoc.2019.40792. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/40792>. Acesso em: 23 nov. 2023.

BEYONCÉ. **Renaissance**. Columbia Records: 2022. Disponível em: <<https://music.apple.com/br/album/renaissance/1630005298>>. Acesso em: 05 de maio. 2023. (62min.)

BIANCA DELLAFANCY. **MARCIA PANTERA COMO VOCÊ NUNCA VIU | DELLAMAKE**. YouTube, 27 de outubro, 2023. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Y1a3WLbbmbM&ab\\_channel=BiancaDellaFancy](https://www.youtube.com/watch?v=Y1a3WLbbmbM&ab_channel=BiancaDellaFancy)>. Acesso em: 27 de out. 2023.

CASCAIS, António Fernando. Performatividade de género, performatividade Cúier e o Cúiering como método. **Faces de Eva: Revista de Estudos Sobre a Mulher**, n. extra, p. 25-36, 2019. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/96175/1/nextraa04.pdf>>. Acesso em: 16 de maio. 2023.

DO CARMO, Anderson Luiz; MIRANDA, Maria Brígida. Arquivos Fabulosos, Arquivos Fantasmagóricos: Ruína e Virtuose nos Lipsyncs Drag. **Ephemera-Revista do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto**, v. 4, n. 7, p. 90-110, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/ephemera/article/view/4636>>. Acesso em: 12 de out. 2023.

DOS SANTOS, Thiago Henrique Ribeiro; SCUDELLER, Pedro de Assis Pereira. "I AM BALLROOM": TENSÕES, REITERAÇÕES E SUBVERSÕES NA PARTILHA DO SENSÍVEL DA CULTURA BALLROOM MIDIATIZADA. **TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA (ISSN: 2358-212X)**, v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3997>>. Acesso em: 29 de abr. 2023.

ESTEVA, Aleson Lima Gomes; GERALDES, Elen. Vogue, logo, existo: A comunicação política-corporificada da Ballroom: The political-corporate communication of the Ballroom. **Anagrama**, v. 15, n. 1, p. 1-13, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/186046>>. Acesso em: 27 de maio. 2023.

FERNANDES, Sílvia. Teatralidade e performatividade na cena contemporânea. **Repertório**, Salvador, v. 1, n. 16, p. 11-23, 2011. Disponível em: <<http://ppgac.tea.ufba.br/wp-content/uploads/2021/03/Linha-2.pdf>>. Acesso em: 29 de abr. de 2023.

JUP DO BAIRRO. **Jup do Bairro - O CORRE (Bixurdia Remix - Lyric Video)**. YouTube, s.d., 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=2W\\_zf5JE1O8&ab\\_channel=JupdoBairro](https://www.youtube.com/watch?v=2W_zf5JE1O8&ab_channel=JupdoBairro)>. Acesso em: 04 de ago. 2023.

LADY GAGA. **Born This Way**. Interscope Records: 2011. Disponível em: <<https://music.apple.com/br/album/born-this-way-special-edition/1440857161>>. Acesso em: 05 de maio. 2023. (99min.)

LEGENDARY [reality show]. Rik Reinholdtsen. HBO Max. Estados Unidos: 2020. Nova Iorque: HBO Max. HBO Max. Colorido.

LIU, Danilo Simões **O percurso histórico da cultura drag: uma análise da cena queer carioca**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4016/3/DSLiu.pdf>>. Acesso em 05 de maio. 2023

MADONNA. **Madonna - 2012 Super Bowl Halftime Show**. YouTube, s.d., 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ucdaEjd1Y4A&ab\\_channel=Madonna](https://www.youtube.com/watch?v=ucdaEjd1Y4A&ab_channel=Madonna)>. Acesso em: 18 de jul. 2023.

MENDES, Julia Guimarães. **Teatros do real, teatros do outro: os atores do cotidiano em cena contemporânea**. 2017. Tese (Doutorado em Teoria e Prática do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.27.2017.tde-31102017-145052. Acesso em: 12 de nov. 2023.

MIRANDA, Wesley. **Dança, estética e resistência negra na Batekoo**. [Entrevista concedida a] Beatriz Moura. VICE. s.l. 18 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/jpnbk3/batekoo-festa-historia>>. Acesso em: 30 de out. 2023.

MOREIRA, José. **O Encenador Dramaturgista e as “duzentas mil” Possibilidades Dramáticas**. 2016. 152 p. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

PARIS IS BURNING. Direção: Jennie Livingston. Nova Iorque, Estados Unidos: Off White Productions, 1990.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. Tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PELÚCIO, Larissa; DUQUE, Tiago. “Cancelando” o Cúier. **Contemporânea**, v. 10, n. 1, p. 125-151, 2020. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Tiago-Duque-3/publication/345485639\\_Cancelando\\_o\\_Cúier/links/6007aac645851553a0584392/Cancelando-o-Cúier.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Tiago-Duque-3/publication/345485639_Cancelando_o_Cúier/links/6007aac645851553a0584392/Cancelando-o-Cúier.pdf)>. Acesso em: 16 de maio. 2023.

POCAHY, F. .; SILVA, D.; SILVA, J. Brinquedo, gênero e educação infantil: uma análise de experiências em salas de aula. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 43–60, 2022. DOI: 10.36311/2236-5192.2022.v23n1.p43. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/12868>. Acesso em: 25 nov. 2023.

POSE. Prod. Janet Mock, Our Lady J, LOur Eyrich e Erica Kay. Distribuído por FX. Los Angeles, 2018. Acesso em: 07 jun. 2023

PRECIADO, Beatriz. Multidões Cúier: notas para uma política dos " anormais". **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 11-20, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/>>. Acesso em: 16 de maio. 2023.

QUEM. Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/capas/noticia/2023/06/silvetty-montilla-o-humor-me-ajuda-fico-feliz-em-ver-as-pessoas-rindo-com-o-que-faco.ghtml>>. Acesso em 12 de nov. 2023.

QUEM. Disponível em:  
<https://revistaquem.globo.com/capas/noticia/2023/06/marcia-pantera-a-precursora-do-bate-cabelo-cai-levantei-mas-nao-deixei-de-sonhar.ghtml>. Acesso em 12 de nov. 2023

Rupaul's Drag Race [reality show]. MURRAY, Nick. VH1. Estados Unidos: 2009-2023. Los Angeles: World of Wonder. Paramount Plus.

SACRAMENTO, Maurício. **Dança, estética e resistência negra na Batekoo**. [Entrevista concedida a] Beatriz Moura. VICE. s.l. 18 de março de 2017. Disponível em:< <https://www.vice.com/pt/article/jpnbk3/batekoo-festa-historia>>. Acesso em: 30 de out. 2023.

SANTOS, Diordinis Baierle dos. **SAMBANDO, CUSPINDO E BAFORANDO NA ENCRUZILHADA: UM ESTUDO GINGADO SOBRE DRAMATURGIA NEGRA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Teatro) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 147p. 2023. Disponível em:<<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/27765>>. Acesso em: 21 de nov. 2023

SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2018. 180 f. Disponível em:<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/331699>>. Acesso em: 17 de maio. 2023.

SILVA, Rodrigo Souza et al. **Drag queens, montagens e reinvenções: Tecendo outras existências**. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens) - Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015. Disponível em:<<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/132/1/rodrigossouzasilva.pdf>>. Acesso em: 18 de maio. 2023

SULLIVAN, Frankie; PETERIK, Jim. Eye of the tiger. *In*. SURVIVOR. **Rocky IV**. Volcano, 1985. CD Digital. Disponível em:<[https://www.youtube.com/watch?v=XxxfQ7-aMrE&ab\\_channel=Survivor-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=XxxfQ7-aMrE&ab_channel=Survivor-Topic)>. Acesso em: 02 de set. 2023.

UOL PRIME. **Bem antes de Pablio Vittar e Gloria Groove: Marcia Pantera, a pioneira do bate-cabelo | Retrato #12**. YouTube, s.d., 2022. Disponível em:<[https://www.youtube.com/watch?v=FlndMxHlj4Y&t=41s&ab\\_channel=UOLPrime](https://www.youtube.com/watch?v=FlndMxHlj4Y&t=41s&ab_channel=UOLPrime)>. Acesso em: 29 de out. 2023.

VICTOR DE LA ROCQUE. **Meu nome é Leona!**. YouTube, s.d., 2011. Disponível em:<[https://www.youtube.com/watch?v=dzmkuk12Lsg&ab\\_channel=VictorDeLaRocque](https://www.youtube.com/watch?v=dzmkuk12Lsg&ab_channel=VictorDeLaRocque)>. Acesso em: 20 de ago. 2023.

## ANEXOS

### ANEXO A- DRAMATURGIA

#### O BAILE CÚIER

##### APRESENTADORES:

Natasha Caldeirão De Albuquerque Pampi De Gaspari

Ariel Vêkanandre Stephany Smith Bueno De Ha Ha Ha De Raio Lazer De Bala De Icekiss

##### CASA MONTILLA:

Pussyvini Montilla

Banks Montilla

##### CASA PANTERA:

Divonna Pantera

Burnin Pantera

#### 1. INTRO

*Apresentadores em pose em quanto o público se acomoda*

*Performam o instrumental da música 911 de Lady Gaga*

*Desfilam até chegar ao palco para saudar a todes*

**Ariel Vêkanandre:** (para o público) Boa noite, brilhante público. Eu sou Ariel Vêkanandre Sthephany Smitch Bueno de... Ha Ha Ha, de Raio Laser, de Bala de Icekiss.

**Natasha Caldeirão:** (para o público) Boa noite, eu sou Natasha Caldeirão de Albuquerque Pampi de Gasparri. Conhecidíssima como a noite de Paris, me casei com o dono da Parmalat, virei mamífera, e agora eu só mamo.

**Natasha Caldeirão e Ariel Vêkanandre:** (para o público) Sejam muito bem vindes, ao nosso glamouroso BAILE CÚIER!

**Ariel Vêkanandre:** (para Natasha) Nossa! Você está b-u-c-e-t-u-d-a: bonita!

**Natasha Caldeirão:** Muito obrigada, Ariel!



**Ariel Vêkanandre:** (para o público) Nós iremos te transportar para o interior de uma expressão feroz.

**Natasha Caldeirão:** (para o público pedindo engajamento) Por favor, juntem-se a nós, para dar um grande aplauso ao nosso estimado painel de juízes (Agitar o público)

**Ariel Vêkanandre:** (para o público pedindo engajamento) Espero que tenham trazido as colas da lace na bolsa, pois hoje as perucas irão voar, manas!

**Natasha Caldeirão:** Vocês estão sentindo, o instinto selvagem aguçado? Com vocês, representando a Casa Pantera: Burnin e Divonna!

*Casa Pantera entra pela seu portal e performa um trecho da música Sissy That Walk de Rupaul*

**Natasha Caldeirão:** (para os competidores provocando) Vindas direto de sua cobertura no Leblon. Elas trazem consigo suas jóias de família.

**Ariel Vêkanandre:** Servindo tesão, brilho e carisma dos pés à cabeça. Com vocês, Pussyyvinny e Banks, da Casa Montilla.

*Casa Montilla entra pela seu portal e performa um trecho da música Jealous Of My Boogie de Rupaul*

Interlude Voguing

## 2. A CATEGORIA É: CINCO ELEMENTOS

*Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão estão na frente do ciclorama*

**Ariel Vêkanandre:** (para o público explicando com glamour) Começaremos nossa noite com uma categoria que exige destreza!

**Natasha Caldeirão:** (para o público explicando com glamour) Essa categoria surgiu na década de 80 em New York, se popularizou no início da década de 90 e até hoje nos inspira.

**Ariel Vêkanandre:** (para o público explicando com glamour) Seja imitando poses de modelos em capas de revistas, estrelas clássicas de hollywood ou hieróglifos egípcios, os competidores devem mostrar precisão em seus movimentos para derrotar seu adversário, com beleza e atitude!

**Natasha Caldeirão:** (para o público e para os competidores provocando e com muito glamour) E agora, nossos competidores precisam apresentar suas habilidades nos cinco elementos do voguing, que são: hands, catwalk, duckwalk, floor performance e spins and dips.

**Ariel Vêkanandre:** (para os competidores provocando) Preparem suas poses e (para o público pedindo engajamento) Vamos saudar as nossas Casas!

**Natasha Caldeirão:** (para o público) A categoria é:

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão: Voguing!**

*Coreografia voguing*

*Batalha dos cinco elementos do voguing*

**Natasha Caldeirão:** Vamos para as notas dos nossos ilustres jurados! Começamos pela Casa Montilla.

**Áudio Jurado 1:** Eu adorei o catwalk que vocês fizeram!

**Áudio Jurado 2:** É maravilhoso ver vocês tão felizes e dançando tão bem.

**Áudio Jurado 3:** Eu sempre soube/acreditei/ que vocês são um artista!

**Natasha Caldeirão:** (para o público pedindo engajamento) Vamos para as notas da Casa Pantera!

**Áudio Jurado 1:** Nossa! Quanta técnica vocês têm!

**Áudio Jurado 2:** Parabéns pelo esforço e dedicação!

**Áudio Jurado 3:** Condragulações! Seu duckwalk foi perfeito!

Interlude Passarela

### 3. A CATEGORIA É: PASSARELA

**Ariel Vêkanandre:** (para o público com glamour) Senhoras e senhores, e todas as belas almas neste baile, é uma honra apresentar a próxima categoria:

**Natasha Caldeirão:** (para o público com glamour) Passarela!

**Ariel Vêkanandre:** (para o público suspense) E o tema desta noite é:

**Natasha Caldeirão:** (para os competidores anunciando e provocando) ENTÃO FAIX MELHOR, MONA!!!

**Ariel Vêkanandre:** (para o público lacrando) Fechem suas redes sociais, hoje estamos distribuindo bloques! Vamos ver se as nossas casas vão ter peito para servir uma reinvenção de looks de grandes ícones.

**Natasha Caldeirão:** (para os competidores, provocando) Fiquei sabendo que nossa colmeia está polvorosa(zzzz).

**Ariel Vêkanandre:** Certamente a Casa Montilla vai infestar o palco de abelhinhas.

**Natasha Caldeirão:** (para o público pedindo engajamento) - E parece que como boas material girls, não esperamos nada menos que diamantes da Casa Pantera!

**Ariel Vêkanandre:** Elas vão entrar tacando fogo, na roupa!

**Natasha Caldeirão:** (para o público ) Hoje o hate se transforma em ação!

**Ariel Vêkanandre:** (para os competidores alertando) Lembre-se, na categoria da passarela, não se trata apenas de roupas; trata-se de atitude, confiança e maneira de se portar.

*Natasha e Ariel dublam a música Fashion! de Lady Gaga*

*Membros das Casas aparecem nos portais empurrando araras com roupas bidimensionais socialmente aceitas como femininas na cor rosa e masculinas na cor azul*

*Os membros brincam com as as roupas enquanto ocorre a dublagem*

**Ariel Vêkanandre:** Fashion

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Ariel Vêkanandre:** (Slay, slay)

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Fashion

**Ariel Vêkanandre:** Step into the room like it's a catwalk

**Natasha Caldeirão:** Fashion

**Ariel Vêkanandre:** Singing to the tune, just to keep them talking

**Natasha Caldeirão:** Fashion

**Ariel Vêkanandre:** Walk into the light

**Ariel Vêkanandre:** Display your diamonds and pearls in light

**Natasha Caldeirão:** Fashion

**Ariel Vêkanandre:** Married to the night

**Ariel Vêkanandre:** I own the world, we own the world

**Natasha Caldeirão:** Look at me now

**Ariel Vêkanandre:** I feel on top of the world in my fashion

**Natasha Caldeirão:** Look at me now

**Ariel Vêkanandre:** I feel on top of the world in my fashion

*Divonna Pantera desfila com figurino bidimensional inspirado na performance de Vogue de uma das turnês de Madonna*

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Ariel Vêkanandre:** (Slay, slay)

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão:** Fantastic, Chick, Freak, Slay!

*Burnin Pantera desfila com figurino bidimensionais inspirado no videoclipe de Like a Virgin de Madonna*

**Natasha Caldeirão:** You've got company

**Natasha Caldeirão:** Make sure you look your best

**Ariel Vêkanandre:** (Fashion)

**Natasha Caldeirão:** Make up on your face

**Natasha Caldeirão:** A new designer dress

**Ariel Vêkanandre:** (Fashion)

**Ariel Vêkanandre:** There's a life on Mars

**Ariel Vêkanandre:** Where the couture is beyond, beyond!

**Natasha Caldeirão:** (Fashion)

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão:** Married to the stars!

*Divonna e Burnin Pantera saem da passarela encenando como noivos*

*Ariel e Natasha fazem um solo um dueto de dublagem*

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão:** She owns the world, we own the world

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão:** Look at me now

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão:** I feel on top of the world in my fashion

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão:** Look at me now

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão:** I feel on top of the world in my fashion

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine (Hey)

**Ariel Vêkanandre e Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling...

**Natasha Caldeirão e Ariel Vêkanandre:** Fantastic, chic, freak, slay!

*Banks Montilla desfila com figurino bidimensional inspirado em uma das performances de uma das turnês de Beyoncé*

**Natasha Caldeirão:** I take it off, I put it on

**Ariel Vêkanandre:** I feel alive when I transform

**Natasha Caldeirão:** But this love's not material

**Ariel Vêkanandre:** Now take it in and turn me on

**Natasha Caldeirão:** Zip me up, it can't be wrong

**Ariel Vêkanandre:** 'Cause your new look's ethereal

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine (slay, slay)

*Pussyvinny Montilla desfila com figurino bidimensional inspirado em uma das performances de uma das turnês de Beyoncé*

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Looking good and feeling fine

**Natasha Caldeirão:** Fashion, je me sens au paradis en

**Natasha Caldeirão:** Fashion, donnez-moi Christian Louboutins

**Natasha Caldeirão:** Fashion, le monde est à moi, c'est la vie en fashion

**Natasha Caldeirão:** Je suis en haute couture en fashion

*Pussyvinny e Banks saiem como abelhinhas*

*Retornam todes para uma desfile final*

*Ariel puxa a fila dos membros da Casa Montilla e Natasha puxa a fila dos membros da Casa Pantera*

**Natasha Caldeirão e Ariel Vêkanandre:** Fantastic, chic, freak, slay!

**Ariel Vêkanandre:** Será que a Casa Montilla nos levou para a semana de alta costura de Milão?

**Áudio Jurado 1:** Nossa! Fiquei impressionado com o pivô de vocês!

**Áudio Jurado 2:** Estupendo! Me fizeram recordar da Luisa Brunet na passarela!

**Áudio Jurado 3:** Isso é roupa de macho? O mundo tá invertido mesmo!

**Ariel Vêkanandre:** Que tal as nossas top models da Casa Pantera, jurados?

**Áudio Jurado 1:** Que poder! Estavam desfilando nas nuvens!

**Áudio Jurado 2:** Tá rebolando tanto! Já sei o que você tá querendo!

**Áudio Jurado 3:** Atenção, plateia! ... Temos aqui, as sucessoras de Roberta Close!

Interlude Bate

#### 4. A CATEGORIA É: BATEKABELLO, BATEKOO E BATEBOKA

**Ariel Vêkanandre:** (para os competidores) Preparem-se! É chegada a hora do combate!

**Natasha Caldeirão:** (para o público) Kika-kika, bate-bate!

**Ariel Vêkanandre:** (para os competidores ) Hoje vai rolar um fight de...

**Natasha Caldeirão e Ariel Vêkanandre:** (para o público empolgada) Batekoo e Batekabello, aaahhhhh!

**Ariel Vêkanandre:** Nossas casas devem trazer todo seu fator uau nessa categoria que é dedicada a nossa brasilidade!

**Natasha Caldeirão:** Cada uma representará uma expressão típica dos Balls brasileiros!

**Ariel Vêkanandre:** Casa Pantera nos servirá toda sua desenvoltura pescoçal com o Batekabello!

*Casa Pantera adentra o ringue*

**Natasha Caldeirão:** Será que eles vão dar orgulho para a lendária Márcia Pantera?

**Ariel Vêkanandre:** Já a Casa Montilla, vai colocar o cuzaum pra jogo, com o Batekoo!

*Casa Montilla adentra o ringue*

**Natasha Caldeirão:** (para os competidores provocando) No terceiro round, venham preparadas, pois nós sabemos que vocês escutam críticas.

**Ariel Vêkanandre:** (provocação para o público com suspense) Mas também não ficam caladas.

**Natasha Caldeirão:** Vai ser babado, confusão e gritaria!

*Os membros das Casas se preparam ao som da música Eye of the tiger - Survivor*

*Ariel e Natasha mostram as placas que sinalizam os round 1*

*Round 1- Performances isoladas*

*Ariel e Natasha mostram as placas que sinalizam os round 2*

*Round 2- Performances juntas*

*Ariel e Natasha mostram as placas que sinalizam os round 3 ao som da música tema do jogo Street Fighter*

*Round 3- Gongadas*

**Ariel Vêkanandre:** IT'S TIME!!!

**Natasha Caldeirão:** Chegou a hora de destilar o seu veneno na inimiga!!!

**Ariel Vêkanandre:** Estou escutando os chocalhos! É hora de gongar e chochar!!!

**Natasha Caldeirão:** Só cuidado para não se envenenar com o próprio veneno!

**Ariel Vêkanandre:** Burnin, venha e escolha a sua arma!

*Natasha leva os óculos para Burnin escolher mostrando para o público*

*Burnin escolhe e Natasha retorna ao palco*

**Natasha Caldeirão:** A biblioteca está oficialmente aberta!

**Ariel Vêkanandre:** Então faça a melhor leitura da sua adversária!

**Natasha Caldeirão:** Pois ler é...

**Todes:** FUNDAMENTAL!

*Burnin se posiciona para começar a gongar Pussyvinny*

**Burnin:** Casa Montilla, eu sempre lembro de vocês nas segundas e nas sextas, porque é quando eu levo o lixo pra caçamba

**Burnin:** Antes de vcs entrarem eu tava com pena, agora percebi que pena so não serve, ainda vai faltar beleza, carisma e talento.

**Burnin:** Com tudo que vocês apresentaram só tenho uma nota para vocês... a de repúdio por essa vergonha alheia!

**Pussyvinny:** E para vocês só resta anota dó mesmo!

**Ariel Vêkanandre:** Shulap, shulap! Não é só nosso cabelo que é de chicote, mas a língua também!

**Natasha caldeirão:** Pussyvinni venha e escolha a sua arma!

*Ariel leva os óculos para Pussyvinni escolher mostrando para o público*

*Pussyvinni escolhe e Ariel retorna ao palco*

**Pussyvinny:** A primeira coisa que tenho a dizer é que estou impressionada! Foi tanto choque de monstro que os próprios Frankensteins apareceram!

**Pussyvinny:** Enquanto estavam performando só me lembrava do porquê não gosto de xuxu, tão sem graça, meio méh!

**Burnin:** Quem tá comendo não tá reclamando!

**Pussyvinny:** A gente amou o figurino, combinou muito com o que desejamos para vocês em cada performance! Tomara que caiam e quebre uma perna!

*Burnin faz um dip*

**Pussyvinny:** Toda arregaçada mesmo!

**Burnin:** Vai rasga, rasga então! Quero ver se você consegue fazer então!

**Pussyvinny:** Da mesma forma que você vai conseguir, eu vou conseguir

**Burnin:** Vamos vê viado

**Pussyvinny:** Vamos vê

*Ariel interrompe a confusão*

**Ariel Vêkanandre:** Caladas! Vamos às deliberações!

**Natasha Caldeirão:** Notas para Casa Pantera com seu Batekabello!

**Áudio Jurado 1:** Nossa! Tudo bem A GENTE ser desse jeito, mas VOCÊ precisa ser TÃO espalhafatosa?

**Áudio Jurado 2:** Acho que teu cabelo podia estar liso para essa categoria!

**Áudio Jurado 3:** Senti o poder de cada jogada de cabelo! Foi cada chicotada! Que lacre!

**Natasha Caldeirão:** Vamos ver se a Casa Montilla foi destruidora mexmo!



**Ariel Vêkanandre:** As notas para o Batekoo, da Casa Montilla!

**Áudio Jurado 1:** Quanta baixaria! Isso é pior que sexo explícito!

**Áudio Jurado 2:** Que pouca vergonha! O que fazer diante de tanta imoralidade! Vocês não pensam que crianças podem ver isso?

**Áudio Jurado 3:** Com vocês, podemos aprender a PERFORMAR como verdadeiras rainhas do furacão 2000!

Interlude Face

## 5. A CATEGORIA É: FACE

**Natasha Caldeirão:** (para o público explicando) Voltamos com uma categoria que é pura elegância.

**Ariel Vêkanandre:** (para o público explicando) Esta noite, temos o privilégio de testemunhar nossas casas transformando seus rostos em figuras renascentistas, esculpidas em perfeição.

**Natasha Caldeirão:** (para o público explicando) Cada pincelada é uma expressão de seu estilo e visão únicos. Servindo um rosto deslumbrante e impecável.

**Ariel Vêkanandre:** (para os competidores alertando) Não vale apenas ter uma maquiagem perfeita; é sobre a confiança, carisma e carão.

**Natasha Caldeirão:** (para os competidores provocando e lacrando) Vamos botar a cara no sol, querida?

**Ariel Vêkanandre:** (para os competidores provocando e lacrando) Deixem os pincéis dançarem, seu brilho reluzir e que o melhor rosto reine supremo!

*Pussyvinny e Burnin no face*

*Banks e Divonna na câmera*

*Casas mimetizam o passo a passo da maquiagem enquanto são constantemente interrompidas por batidas na porta*

**Natasha Caldeirão:** (para o público suspense com glamour) Vamos ver quem deu mais close e será o próximo rosto do catálogo da FENDI.

**Ariel Vêkanandre:** (para o público com água fria+ irônia+ provocação) Ou da Jequiti.

**Natasha Caldeirão:** (para os jurados) Quais as notas para Burnin da Casa Pantera?

**Áudio Jurado 1:** Você me chamou para isso? Que vergonha!

**Áudio Jurado 2:** Tá parecendo aquelas coisas de traveco, drag queen! Sei lá como se chama! (Burnin responde agradecendo lisonjeado)

**Áudio Jurado 3:** Acho que tá faltando mais roxo nessa maquiagem! Vou te ajudar, no soco!

**Ariel Vêkanandre:** (para o público com deboche e suspense) Será que Pussyvinny da Casa Montilla, ficou bonita ou engraçada?

**Natasha Caldeirão:** (para os jurados) Notas, por favor!

**Áudio Jurado 1:** (voz preconceituosa) Quer se maquiar como mulherzinha? Fora da minha casa!

**Áudio Jurado 2:** (voz LGBTQIAP+) Desculpa, mas não fico com gente espalhafatosa!

**Áudio Jurado 3:** Tira isso da tua cara agora, tá todo mundo olhando! Se não vou arrancar no tapa!

Interlude Dublagem

## 6. A CATEGORIA É: LIPSYNC

**Ariel Vêkanandre:** (para o público retomando a atenção) Bem-vindos de volta ao BAILE CÚIER!

**Natasha Caldeirão:** (para o público retomando a atenção) Vocês estão sentindo?

**Ariel Vêkanandre:** (responde a natasha) Eu estou!

**Natasha Caldeirão:** (para o público retomando a atenção) A categoria agora é Lipsync!

**Ariel Vêkanandre:** (para o público explicando com glamour com provocação sexual) Nessa categoria, nossos competidores irão apresentar todas as suas habilidades labiais e faciais para nos presentear com incríveis performances!

**Natasha Caldeirão:** (para o público explicando com glamour + provocação sexual) Nossos jurados estarão atentos a cada sílaba mostrada pelos lábios dos nossos competidores!

**Ariel Vêkanandre:** (para o público explicando com glamour e desafio) Vamos receber nossas casas para saber qual será nosso primeiro combate!

*É sorteada uma pessoa de cada casa para fazer o lipsync de O Corre de Jup do Bairro*

**Ariel Vêkanandre:** (pega um nome na caixa da Casa Montilla) \_\_\_\_\_, um passo a frente, por favor!

**Natasha Caldeirão:** (pega um nome na caixa da Casa Pantera) \_\_\_\_\_, um passo a frente, por favor!

**Ariel Vêkanandre:** (para os competidores desafiando) As competidores que não foram sorteades, podem voltar para suas casas.

**Natasha Caldeirão:** (para os competidores desafiando) Se aqueçam e se alonguem! Abram suas asas, soltem suas feras!

*Dublagem começa*

**Ariel Vêkanandre:** (para o público ESTUPEFATO) Wow! Isso que eu chamo de um Lipsync BABADEIRO!

**Natasha:** (para Fabio e para o público ESTUPEFATO) Que AR-TI-CU-LA-ÇÃO [caretas]!

**Ariel Vêkanandre:** (para os competidores) Chamamos agora nossos(as) dois(duas) competidores(as) que não foram sorteados(as) anteriormente.

**Natasha Caldeirão:** (para os competidores e público) Cada um irá honrar a sua casa, com uma dublagem individual, homenageando grandes ícones Cúiers.

**Ariel Vêkanandre:** (para os competidores) É isso aí! É chegada a hora, de lipsyncarem, pelas suas casas!

**Natasha Caldeirão:** Preparem-se e que a melhor CASA GANHE!

**Ariel Vêkanandre:** Começamos então com \_\_\_\_\_, da Casa Montilla!

*Dublagem Casa Montilla*

**Natasha Caldeirão:** Agora, \_\_\_\_\_ da Casa Pantera!

*Dublagem Casa Pantera*

**Natasha Caldeirão:** (para o público deslumbrada) Todas arrasaram! Vamos para as notas das dublagens de cada Casa!

**Ariel Vêkanandre:** (para os jurados) Começamos pela Casa Montilla, será que Banks e Pussyvinny emocionaram a lendária Silvetty Montilla?

**Natasha Caldeirão:** Vamos as notas

*As notas são mostradas e proclamadas pelos apresentadores*

**Áudio Jurado 1:** 2

**Áudio Jurado 2:** 2

**Áudio Jurado 3:** 8

*Suspensão*

**Natasha Caldeirão:** DADO final: 228, EM 2022!

*Retorna*

**Natasha Caldeirão:** (para os jurados) E agora, será que Burnin e Divonna receberão um “Vai te embora ninguém te adora!” ou “Shantay, fica gay”?

**Ariel Vêkanandre:** (para os jurados contando os números) Vamos as notas!

*As notas são mostradas e proclamadas pelos apresentadores*

**Áudio Jurado 1:** 2

**Áudio Jurado 2:** 7

**Áudio Jurado 3:** 3

*Suspensão*

**Natasha Caldeirão:** Mortes violentas de pessoas LGBTI+ em 2022.

*Retorna*

**Natasha Caldeirão:** (para o público empolgada) Será que vocês gostaram?

**Ariel Vêkanandre:** (respondendo para o público) Porque tem muito mais!

Interlude Realness

## 7. A CATEGORIA É: O QUE VOCÊ VAI QUERER SER QUANDO CRESCER?

**Ariel Vêkanandre:** (para o público com deboche) Chegou a hora da categoria de realidade e hoje nossos competidores servirão profissões másculas.

**Natasha Caldeirão:** (para o público alertando) Essa categoria não se trata apenas sobre aparência; mas sim representar a essência de sua referência.

**Ariel Vêkanandre:** Nossa categoria de realidade tem como tema:

**Natasha Caldeirão:** O que você quer ser quando crescer?

*Entram os membros das Casas atuando com as respectivas profissões*

### MECÂNICO- PUSSYVINNY

**Natasha Caldeirão:** Vem dar uma olhadinha no meu capô.

**Ariel Vêkanandre:** Posso te ajudar na chupetinha?

**Natasha Caldeirão:** Bate no meu capô, com força!

**Natasha Caldeirão:** Deixa eu passar essa tua marcha!

### POLICIAL- BURNIN

**Natasha Caldeirão:** Que distintivo de respeito.

**Ariel Vêkanandre:** Vai, aponta essa pistola pra mim!

**Natasha Caldeirão:** Aiii, eu me rendo!

**Ariel Vêkanandre:** Me arromba assim também!

**Natasha Caldeirão:** Me chama de bandida, e me bota na parede!

**Ariel Vêkanandre:** Deixa eu lamber essa pistola!

**BOMBEIRO- BANKS**

**Ariel Vêkanandre:** Tá pegando fogo?

**Natasha Caldeirão:** Chama o bombeiro!

**Ariel Vêkanandre:** Que mangueirão é esse?

**Ariel Vêkanandre:** Ai que calor!

**Natasha Caldeirão:** Me faz gritar igual sirene...

**Ariel Vêkanandre:** (grito sirenístico)

**MÉDICA - DIVONNA**

**Ariel Vêkanandre:** Essa já nasceu com a coroa, ein!

**Natasha Caldeirão:** Ela é dona! Dona de si, querido!

**Ariel Vêkanandre:** Me amarrotta, que eu fiquei passada com o close dela!

**Natasha Caldeirão:** Somos amigax, somos irmãx, somos mulherex!

**RESULTADO**

**Natasha Caldeirão:** (para o público sem fôlego) Esse baile está de MATAR ein?!

**Ariel Vêkanandre:** (para o público sem fôlego) E já vou avisando, ele vai deixar muita gente aqui sem fôlego!

**Natasha Caldeirão:** (para o público sem fôlego) Chegou a hora! Anunciaremos as ganhadoras da noite!

**Natasha Caldeirão:** (para o público suspense oscar) Para quem vai a torcida de vocês? [resposta do público]

**Ariel Vêkanandre:** Será que para a Casa Montilla?

*Casa Montilla puxa torcida*

**Natasha Caldeirão:** Ou para Casa Pantera?

*Casa Pantera puxa torcida*

**Ariel Vêkanandre:** (entra com a fala de Natasha em tom de revelação) Muito bem, muito bem, muito bem, muito bem... estou com o envelope e as ganhadoras são...

*Suspensão com projeção de nomes de pessoas Cúiers de destaque*

**Ariel Vêkanandre:** O primeiro prêmio será de Melhor Habilidade Labial!

**Natasha Caldeirão:** A ganhadora é...

**Ariel Vêkanandre:** Burnin Pantera!

*Entrega da faixa e tira uma foto*

**Natasha Caldeirão:** Nosso próximo prêmio é de Melhor DJ!

**Ariel Vêkanandre:** A ganhadora é...

**Natasha Caldeirão:** Divonna Pantera!

*Entrega da faixa e tira uma foto*

**Natasha Caldeirão:** Agora, quem será que leva o prêmio de Melhor Cú do Baile!

**Ariel Vêkanandre:** A ganhadora é...

**Natasha Caldeirão:** Pussyvinny Montilla e seu rabão!

*Entrega da faixa e tira uma foto*

**Ariel Vêkanandre:** Nosso próximo prêmio é de Melhor Manguairão!

**Natasha Caldeirão:** A ganhadora é...

**Ariel Vêkanandre:** Banks Montilla!

*Entrega da faixa e tira uma foto*

**Ariel Vêkanandre:** Estamos chegando aos dois últimos prêmios!

**Natasha Caldeirão:** Vamos ao prêmio de Pintosa do Baile!

**Ariel Vêkanandre:** A ganhadora é...

**Natasha Caldeirão:** Ariel Vêkanandre Sthephany Smitch Bueno de... Ha Ha Ha, de Raio Laser, de Bala de Icekiss!

*Entrega da faixa e tira uma foto*

**Ariel Vêkanandre:** Nossa última categoria é de Melhor Mamífera!

**Natasha Caldeirão:** A ganhadora é...

**Ariel Vêkanandre:** Natasha Caldeirão de Albuquerque Pampi de Gasparri. Conhecidíssima como a noite de Paris, se casou com o dono da Parmalat, virou mamífera, e agora ela só mama!

*Entrega da faixa e tira uma foto*

**Ariel Vêkanandre:** Agora, que todos os prêmios foram entregues...

**Natasha Caldeirão:** (para as competidoras) Venham, venham, todes!

**Ariel Vêkanandre:** Dj, solta o TECNO!

**Natasha Caldeirão:** Não, um HORSE!

**Todes:** É HOUSE!!!

**Pussyvinny:** Toca uma pras GAYS! PRAS GAYS! PRAS GAYS!!!


**Burnin:** Pros BI! pros BI!


**Ariel Vêkanandre:** Então toca uma pras CÚIERS!

*Blackout*

*Quando as luzes se acendem, todos performam a música BIXA de Oxa*


## ANEXO B- CARTAZES



 CURSO DE ARTES CÊNICAS  
 BACHARELADO- DIREÇÃO TEATRAL DA  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA  
 MARIA APRESENTA


 Artes Cênicas  
 UFSM


# O BAILE CÚIER


TEATRO CAIXA  
 PRETA  
 27, 28 e 29 de  
 setembro  
 20 horas


 UFSM  
 Pró-Reitoria de  
 Graduação



 CAL  
 Centro de Artes  
 e Letras

DEPARTAMENTO DE  
 ARTES CÊNICAS  
 GAP-CAL



 teatro  
 CAIXA PRETA  
 CAIXA PRETA


 IMPRENSA  
 UNIVERSITÁRIA UFMS





**UFSM**


CURSO DE ARTES CÊNICAS  
 BACHARELADO- DIREÇÃO TEATRAL DA  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA  
 MARIA APRESENTA


 Artes Cênicas  
 UFSM


# O BAILE CÚIER


TEATRO CAIXA  
 PRETA  
 27, 28 e 29 de  
 setembro  
 20 horas


**UFSM**  
 Universidade Federal de Santa Maria


**CAL**  
 Centro de Artes e Letras

DEPARTAMENTO DE  
 ARTES CÊNICAS  
 GAP-CAL


 teatro  
**CAIXA PRETA**  
 CAL-UFSM


**IMPRENSA**  
 UNIVERSITÁRIA UFESM

ANEXO C- FOTOS EXTRAS



